Univers. de S. Paulo
BIBLIOTHECA
Fac. de Philos Scienc. e Letras

NUMERO
DE
CHAMADA
981
136
REGISTO
136

Univers. de S. Paulo
BIBLIOTHECA
Fac. de Philos Scienc. e Letras

CARTA DE MAREAR

DELINEADA

Pelo R. P. Mestre Fr. Antonio do Rosario, filho da Capucha de S. Antonio do Brasil, & Missionario no dito Estado, &c.

DIRIGIDA AO SENHOR

D. FRANCISCO DE SOUSA,

Fidalgo da Casa de sua Magestade, Cavalleiro professo, & Commendador da Ordem de Christo, & Coronel da Cavallaria de Pernambuco.

LISBOA,

Na Officina de Antonio Pedrozo Galraõ.

Com todas as licenças necessarias.

Anno de 1698.

BIBLIOTH

SENHOR.

ESTA Carta de Marear tem demarcado o esclarecido nome de V. M. pelo melhor roteiro da sua direcçaõ. Se anobreza para com os homens he prenda de summo respeito; onde melhor se podiaõ fundar as linhas desta Carta, os seus felices auspicios, do que na Illus-

Univers. BIBLIC

triſſima linha dos Souſas, ou Souſoẽs de Portugal, de que V. M. he garfo, ou ramo bem conhecido? & mais quando eſta nobreza naõ ſó pela purpura de qué procede, mas pelas proprias acçõẽs dedica ſem controverſia à benemerita peſſoa de V. M. o titulo de Principe, com a veneraçaõ de pio, & reſpeito de heroico, ſendo a menor prova deſte Panegyrico a contenda da graça com a natureza nos augmentos da fortuna. A eſtampa deſta Carta, por ſer hum publico

blico beneficio, será perpetua estatua, & eterno Obelisco, em que a posteridade advertirá ser V. M. o primeiro filho do Brasil, que com o novo meçonado desta obra, soube V. M. immortalizar o nome, acreditar os ascendentes, dando exemplos taõ singulares ao Senhor D. Joaõ de Sousa, dignissima flor do melhor prado da Europa. O Autor da carta, pela porta que por esta se lhe abre, fica obrigado a buscar a mesma casa com aventejados escritos,

por muitos , & felices annos, que Deos guarde a V. M. Do Convento de Santo Antonio de Poiuca 9. de Fevereiro de 1697.

Fr. Antonio do Rosario.

LEY.

LEYTOR.

BORRAÕ desta Carta foi parto da missaõ que fiz algum tempo por estas Capitanias de Pernambuco : a devaçaõ de muitos, & exprimental aproveitamento das almas me persegue ainda hoje pela Carta de Marear; mas vendoa eu taõ mareada, disforme, & viciada pela variedade, & ignorancia das pennas, me re-

 solvi

solvi no retiro de Poiuca, a restaurar, & acrescentar a dita Carta, com tençaõ que pela estampa mais bem acondicionada, se podesse espalhar pelos mais pobres & remontados destes Paizes; & se fosse possivel com pouco custo, & de graça, chegasse esta cartinha, ou cartilha da Oraçaõ Mental, aos que naõ sabem, nem podem alcançar outros mayores volumes que ha sobre materia tam necessaria para a salvaçaõ;

çaõ; para o meſmo fim a-
juntey à Carta de Marear
o Aſtrolabio de hũa caveira, & a baleſtilha de hum
Chriſtaõ arrependido no
canto de hum mazombo
rouxinol, por nome o Sabeà da praya; em fim ſó
digo, que com ſer a Carta
de importancia pelos conhecimentos que leva, naõ
tem de porte mais que a
Gloria de Deos, & proveito das almas.

Vale.

LI-

95

LICENÇAS.
Da Ordem.

OS nossos Charissimos Irmãos Fr. Gaspar de Santo Antonio, Prègador, Commissario, & Visitador da Ordē Terceyra, & Fr. Agostinho da Assumpçaõ, Lente de Theologia, & actual de Artes, vejaõ este livrinho intitulado, Carta de Marear, composto pelo nosso Charissimo Irmaõ Prégador Fr. Antonio do Rosario, Missionario neste Estado do Brasil; para que com sua informaçaõ lhe demos a licença que para o imprimir pede. Convento de Nosso Padre S Francisco da Bahia 28. de Junho de 1697.

Fr. Jacome da Purificaçaõ,
Ministro Provincial.

Dan-

DAndo comprimento à ordem do noſſo Chariſſimo Irmaõ Fr. Jacome da Purificaçaõ, Miniſtro Provincial deſta Provincia de Santo Antonio do Braſil, li com muita conſideraçaõ eſte livrinho intitulado, Carta de Marear, compoſto pelo Irmaõ Prégador Fr. Antonio do Roſario, Miſſionario neſte meſmo Eſtado; & nelle naõ ſó naõ achei couſa que encontre a verdade de noſſa Santa Fé, & pureza dos bons coſtumes, mas julgo ſer muito util para os que no golfo tempeſtuoſo deſte mundo querem achar navegaçaõ ſegura para o porto da ſalvaçaõ; no que o Autor moſtra ſeu ſingular engenho, como Piloto taõ deſtro com o largo exercicio das miſſoẽs; pelo que me parece juſto darſelhe a licença que pede

para

para o imprimir. No Convento de S. Franciſco da Cidade da Bahia, em 30. de Junho de 1697.

Fr. Gaſpar de Santo Antonio.

POr mandado do noſſo Chariſſimo Irmaõ Provincial Fr. Jacome da Purificaçaõ, vi o livrinho intitulado, Carta de Marear, & nelle naõ encontrei couſa que contradiga a noſſa Santa Fé, nem tam pouco aos bons coſtumes; antes ſer muito util para os que navegaõ por eſte mar tempeſtuoſo, para alcançar o fim, & porto ſeguro da ſalvaçaõ; pelo que julgo que ſe póde dar licença ao Reverendo Padre Meſtre Fr. Antonio do Roſario para o imprimir. Bahia 30. de Junho de 1697.

Fr. Agoſtinho da Aſſumpçaõ,
Lente de Theologia.

Viſ-

VIstas as informações dos nossos Charissimos Irmãos Fr. Gaspar de Santo Antonio, & Fr. Agostinho da Assumpçaõ, dou licença para que se possa imprimir o livrinho, Carta de Marear, composto pelo nosso Charissimo Irmaõ Prégador Fr. Antonio do Rosario, havendo primeiro licença do Santo Officio, & Ordinario. Convento de Nosso Padre Saõ Francisco da Bahia 22. de Julho de 1697.

Fr. Jacome da Purificaçaõ,
Ministro Provincial.

Univers. de S. Paulo
BIBLIOTHECA
Fac. de Philos. Sciencias

LI-

LICENÇAS.

Do Santo Officio.

VIstas as informaçõ̃es, pòdeſe imprimir o livro de que eſta petiçaõ̃ trata, menos o riſcado, & depois de impreſſo tornará para ſe conferir, & dar licença que corra, & ſem ella naõ̃ correrá. Lisboa 18. de Março de 1698.

Caſtro. Foyos. Diniz. Moniz.

Fr. Gonçalo do Crato.

Do Ordinario.

VIſtas as informaçõ̃es, podeſe imprimir o livro de que eſta petiçaõ̃ faz mençãõ, menos o riſcado; & depois de impreſſo tornará para ſe lhe dar licença para correr, & ſem ella naõ̃ correrá. Lisboa 23. de Abril de 1698.

Fr. Pedro Biſpo de Bona.

Do

Do Paço.

QUe se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario; & depois de impresso tornará à mesa para se conferir, & taxar, & sem isso naõ correrà. Lisboa 29. de Abril de 1698.

Marchaõ. *Ribeyro.* *Oliveyra.*

CARTA DE MAREAR,

PARA OS ULTRAMARINOS DO novo mundo do Brasil,

Principiantes da Oraçaõ Mental.

Facta est quasi navis institoris. *Prov.* 31.

ANAO de que falla Salamaõ, he huma alma Christaã posta no mar deste mundo com toda a nautica preparação; fabricase no ventre

A ma-

materno, como em ribeira das nàos; lançaſe ao mar, quando naſce, benzeſe, quando ſe baptiza; o caſco, he o corpo, os tres maſtros, Fé, Eſperança, & Charidade; as enxarcias da nào, ſaõ os actos das Virtudes Theologaes; as outras cordas varios affectos d'alma; o leme a razaõ, a agulha a vontade, o farol a conſciencia, a praça d'armas o coraçaõ, a artelharia confiſſaõ, a bomba contriçaõ, matalotagem communhaõ, carga boas obras, o batel a eſmola, que as cartas vaõ na memoria; bandeiras, pavezes, famulas, & galhardetes, alegrias, & conſolaçõeſ eſpirituaes; o Senhor, & Capitaõ da nào he o Creador, & Senhor do mundo, os mandadores, & officiaes ſaõ os ſentidos, os olhos o Piloto, & ſotapiloto,

loto, os ouvidos, Meſtre, & contrameſtre, a lingua, o Eſcrivaõ, o tacto, o Cirurgiaõ, ogoſto, o Cozinheiro, o olfato, o Calafate, o ſentido commum, o Diſpenſeiro, a voz, he a trombeta, o Condeſtavel, o fervor, a botica, a devaçaõ, os penſamentos, paſſageiros, as palavras, pagens, & gurumetes, as obras, marinheiros, o mar, he o mundo, os ventos, as inſpiraçõẽs, as tempeſtades, entaçõẽs, piratas, & coſſarios, inimigos d'alma, os baixos, vicios, os naufragios, peccados, a barra, he a graça, o porto a gloria, as ancoras a eternidade.

Eſta nào não pòde navegar ſem carta de marear, porque não pòde livrar dos baixos da terra, & buſcar a altura do Ceo ſem a elevaçaõ do

eſpirito a Deos, que he a Oraçaõ Mental; ſem eſta oraçaõ, dizia hum eminente Piloto da vida eſpiritual, he impoſſivel viver hum homem vida Chriſtãa: & não ſe buſque outra cauſa da perdição de tantas almas, ſenaõ a falta da oração: como na Oração Mental ſe medem, & contaõ os annos, que já por nòs paſſáraõ, & naõ haõ de tornar; como na oraçaõ ſe vé, o que temos deſcahido do Ceo, & encoſtado ao inferno; como a oraçaõ faz çafar dos baxos do peccado, & das Sereas das occaſiões, & com enfatica metafora, a Oração Mental he carta de marear para os que navegaõ pelo perigoſo mar deſte mundo. Baſte por exemplo o baxel real de David, que por falta deſta carta nau-

naufragou miseravelmente, mas tanto que carteou, orando livrouse dos naufragios d'alma, achou o porto da salvação. *Salva me ex ore leonis. Ps. 21. 22.*

Supposta a necessidade da Oraçaõ Mental, desenrolemos a carta de marear; tem duas linhas, a primeira corre de Norte a Sul, com cinco, ou seis pontos, muito celebres nesta carreira, Conhecimẽto Proprio, peccados, Morte, Juizo, Inferno, Gloria; por esta linha vai correndo a costa brava do inferno; convem avistala de longe, com o oculo da meditaçaõ, quem a corre meditando, naõ dà à costa nella, morrendo; tambem se busca a enseada da Gloria, que muito de longe aparece; cuberta de nevoas, porque não se vè cà do mar do mundo senão por enigmas, *O mine eduxisti ab inferno animam meam. Salvasti me à descendentibus in lacum. Psal. 29. 4. Videmus nunc per speculum in ænigmate. 1. Cor. 13. 12.*

gmas; para a parte do Leſte eſtaõ as Ilhas dos beneficios divinos, convem tomar eſtas Ilhas, para abrigo, & refreſco das nàos.

Corre ſegunda linha, do Sul para o Norte, pelo mar vermelho da payxaõ de Chriſto; tem ſete rumos, he navegaçaõ muy frequentada, & de grande cõmercio eſpiritual; o primeiro rumo he do Horto de Getſemani, o ſegundo da Columna, o terceiro do Ecce Homo, o quarto da Cruz às coſtas, o quinto de Chriſto crucificado, o ſexto de Chriſto morto nos braços da Senhora, o ſetimo da Reſurreiçaõ de Chriſto.

As monçõeſ da oraçaõ, ſaõ de menhãa, & de tarde, de noite, ou de madrugada; pòde durar a monçaõ hũa hora de cada vez: o modo de ve-

lejar,

lejar, a poſtura, ou figura corporal, ſeja a de mayor reverencia, que he de joelhos; tambem ſe navega em pè, à orça, ou a hũa larga proſtrado, que com o vento em popa aſſentado, ou deitado ſó aos enfermos ſe permite.

Neſtas navegaçõeſ tambem ha calmarias, que os praticos da oração chamaõ trevoas, ſecuras, triſtezas, & nòs pela carta de marear enjoos: navegar com bom tempo he regalo, & com màotempo grande trabalho, porque nas calmarias, & faltas de viraçaõ, a puro remo, à força de braços ſe navega: ter oraçaõ, quando corre o vento Galerno do Eſpirito Santo, he ſuave couſa, he rica vida, mas ſe falta, como muitas vezes falta, a freſca viraçaõ do

Ceo, entaõ he que saõ os enjo-os, os fastios, os enfados, principalmente nos que entraõ a primeira vez nestes mares, o remedio melhor he remar, forcejar para Deos, bater nas portas da divina misericordia, que ellas se abriráõ, quando for mais cõveniente. Tres inimigos tem os nossos navegantes, mar, fogo, cossario. Mar he a importuna variedade de penfamentos, que faz andar o juizo como mar banzeiro, & he a causa dos enjoos, que muito padecem na oraçaõ. O fogo he aquella desenquietação, affliçaõ, & aperto de coraçaõ, que causa o demonio nos que oraõ, para o fazer desistir da oraçaõ, & temerem muito o embarcaremse pela Oração Mental. O cossario pichilingue, & pirata

ta mui celebre he o ſomno, convem muito ſaberlhe a cauſa, & por-lhe remedio. Contra todos eſtes inimigos ordena o Divino General Chriſto no ſeu Evangelho que ſempre ſe ore ſem desfalecimento; porque quem perſeverar até o fim, chegará a ſalvamento.

Oportet ſemper orare, & nunquam deficere Luc. 18. 4. Qui autem perſeveraverit uſque in finem, hic ſalvus erit. Matth. 10. 22.

Ultimamente a carta de marear tem cinco partes, que todos daõ à Oraçaõ Mental; preparaçaõ, liçaõ, meditaçaõ, acçaõ de graças, petição. Preparaçaõ, he remota, & proxima: a remota he andar entre dia com o coraçaõ recolhido: proxima he, quando nos pomos em oraçaõ, benzendonos, fazendo actos de Fé, & contriçaõ: de Fé, crendo que eſtá Deos preſente; de contriçaõ, breve, & fervente. Liçaõ, he ler

hũa

hũa das seguintes meditações. Meditaçaõ he hir discorrendo cada hum como souber, & puder sobre o ponto preparado. Acçaõ de graças, he agradecer a Deos todos os beneficios géraes, & particulares, & os que se inferem da meditaçaõ do dia em que se ora. Petiçaõ he, pedir à Divina Magestade o que lhe for mais agradavel, & à nossa salvaçaõ mais conveniente.

PRI-

PRIMEYRA LINHA DA CARTA DE MAREAR.

SEGUNDA FEYRA.

MEDITAÇAM

Do conhecimento proprio.

Onsideremos hoje o que somos por natureza, & acharemos, que nada somos, porque do abismo do nada nostirou a Divina Omnipotencia, para nos fazer creaturas existentes, & capazes da sua gloria: repa-

reparemos, que naõ fez Deos este nosso corpo, de hum pedaço dessas esferas celestes, & incorruptiveis Ceos, ou de outra materia forte, & perduravel, senão de hum pouco de lodo; para que dando a pedra da nossa consideraçaõ nos pés de barro do nosso corpo, se abataõ as rodas da presumpçaõ, & louca fantezia. Es pó, & em pò te has de tornar, disse Deos ao primeiro homem, para lhe curar aquella taõ atrevid vaidade de querer ser como Deo sendo hum pouco de barro: entremos bem pela nossa terra dentro, & tudo avemos de achar, que he terra, & má terra, com muitas miserias, pensoẽs, & tributos, mil achaques no corpo, innumeraveis enfermidades na alma; & com serimos

tão

tão vis, & miseraveis, ainda somos vãos, & soberbos? De q̃ te ensoberbeces, pó, & cinza? pergunte cada hum a si mesmo. Desta consideraçaõ avemos de tirar o curarmonos com os pós da terra, que somos, & em que nos havemos de tornar, antes que nos dem os herpes da soberba: humilhemonos diante da Divina Magestade, reconhecendo o nada que somos, & o muito que peccamos; porque Deos resiste aos soberbos, & dà sua graça aos humildes.

TERÇA FEYRA.

MEDITAÇAM

Dos peccados.

DE dous modos se póde considerar a graveza do peccado mor-

mortal, contra Deos, & cõtra o peccador. Peccar, he levantar a mão cõtra Deos; he não querer que aja Deos; he querer matar a Deos; he tornar a crucificar o Filho de Deos; tanto offende a Deos o peccado, que teve Deos por bem morrer seu Filho, por destruir o nosso peccado. Dos castigos, que a Divina Justiça fez nos Anjos, que peccàraõ, em os homens que o offerdèraõ, & ha de fazer atè o fim d mundo, que por peccados ha de cabar, julguemos o que he offender a Divina Magestade. O segundo ponto he, considerar as infinitas perdas, & danos, que causaõ os peccados, nos que os commettem; o peccar, não he menos perda, que perder a Deos, o peccar he despojarse o

pecca-

peccador de todas as graças, honras, privilegios, & doens do Espirito Santo; he ser inimigo de Deos declarado, escravo do demonio, & pela presente justiça condenado ao inferno; ainda he mais, porque he ser o mesmo demonio. Hum de vós he o diabo, disse Christo a seus Discipulos; entendendo por Judas, que estava em peccado mortal; o que supposto, consideremos bem contra quem peccamos, & em que peccamos, & de que maneira peccamos; & arrependidos de todos os peccados, peçamos a Deos, que por sua infinita piedade, & misericordia tenha por bem perdoarnos, & restituirnos à sua graça, & amizade, para nunca mais o offendermos.

QUAR-

Univers. de BIBLIOT Fac. de Philos Sci

QUARTA FEYRA:

MEDITAÇAM

Da Morte.

TRes pontos tem a morte muito cõsideraveis, o ser certa, incerta, & hũa só vez; certa, como se vé; incerta, no quando virà; certissima em vir huma só vez ; he cert que ha de vir hum dia, em que nas has de chegar à noite, & ha de vir huma noite, em que naõ has de chegar ao outro dia, isto bem o sabes, mas porque esquece, se te lembra, & para que te aproveite, te digo o consideres, & com ser taõ certa a hora da morte naõ só por fé, mas

por

por evidencia, he taõ incerta a vinda da morte, como vemos que leva a muitos de repente sem confissaõ, nem preparaçaõ alguma ; & se naõ sabes, peccador, o dia, nem a hora da tua morte ; em que te fias ? em que cuidas, descuidando te do que te importa mais que tudo quanto ha no mundo ? A mais horrivel condição da morte he ser unica, he morrer se hũa só vez, he não se poder tornar ao mundo, a remediar o que faltou na vida. Pasma, mortal, da cegueira do teu juizo, vendo como andas engolfado nos enganos do mundo, tonto, & cego das suas vaidades, & locuras, & muito mais do amor proprio, como se a morte fosse fabula, & o inferno mentira ; se he que desejas morrer bem, trata de viver

como quem ha de morrer, porque tal será a morte, qual for a vida.

QVINTA FEYRA.

MEDITAÇAÕ

Do Juizo.

ENtremos em Juizo, ponhamonos no Tribunal Divino, onde depois da morte forçosamente no avemos de achar: & de quantas angustias se verá o peccador cercado! entaõ dirá com o Profeta Rey: Cercado me tem os gemidos da morte, & as dores do inferno me rodeàrão: por ser o Tribunal rigorosissimo, & rectissimo. Não só das más obras avemos de dar conta, mas tambem

das

das boas obras; com que tençaõ, & de que maneira as fizemos; nem sómente, o que cuidamos, fazemos, & fallamos, se ha de examinar, mas tambem o que deixamos de fazer, quando eramos obrigados; não ha de haver palavra ociosa, nem pensamento vaõ de que se não peça conta. Se toda a Escriptura clama, que Deos ha de dar a cada hum o premio, ou castigo conforme as suas obras; que contas faz logo, quem desta conta se não lembra? Que juizo tem, quem não teme este Juizo? Se isto ha de passar por nòs, porque nos não prevenimos, & preparamos para aquelle tremendo transe? Abramos com tempo os livros da cõsciencia, o livro do deve, & ha de aver; os peccados, que temos com-

mettido, & as satisfações, que temos, ou não temos dado; antes que venha a morte, antes que nos vejamos em Juizo, tratemos de pagar com tempo as dividas dos peccados, confessandoos verdadeiramente, & chorandoos amargamente, se queremos que saya a sentença por nòs.

SESTA FEYRA.

MEDITAÇAÕ

Do Inferno.

DEçamos ao inferno vivos por consideraçaõ, para que naõ deçamos depois de mortos por condenação. As penas do inferno saõ de

dous generos, de sentido, & de dano: pena de sentido, he padecer em todos os sentidos exteriores, & interiores; pena de dano, he carecer da vista de Deos por huma eternidade, q̃ he a chave de todas as penas infernaes: o fogo, que pertẽce às penas do sentido, he de tal qualidade, que atormenta corpos, & almas; atormenta, mas não consome: & como estranharàõ estas camas, os que costumaõ dormir em camas brandas, & regaladas! Como estranharàõ os colchoẽs do fogo eterno com lançoes de frio intoleravel, & com as colchas, & cobertores da eternidade, com o cortinado da privaçaõ da vista de Deos! Nestas abrazadas, ou abrazadoras chamas se pagaõ os deleites da torpe, & escandalosa vida:

os olhos não só tem o tormento do fogo, mas tambem horriveis, & espantosas visoẽs dos demonios: os narizes, fedores mayores que os de cadaveres: os ouvidos, trombetas de fogo, & blasfemias horrendas: o gosto, fome canina: a imaginaçaõ he gravissimamente atormentada com a apprehensaõ das penas presentes, & lembrança dos gostos passados: sobre estes tormentos géraes. ha outros particulares, para os que eraõ mais inclinados a este, ou àquelle vicio, em que nunca se emendàraõ. De todas estas penas tiraremos por fruto o fugir das culpas que levão ao inferno, o qual senão fez para brutos, senaõ para peccadores.

SABBADO.

MEDITAÇAÕ

Da Gloria.

O Soldado deixa a patria, amigos, pay, & mãy, & o que tinha na affeiçaõ, ſujeitaſe a terras eſtranhas, arriſca a vida em batalhas perigoſas, atè ficar morto, por hum fraco eſtipendio, & caduca gloria do mundo: nòs que (como diz Job) todos militamos neſta vida; porque naõ faremos muito mais pelo premio do Ceo, & pela gloria eterna? para nos animarmos a merecela, conſideremos as ſuas excellencias, o lugar, o gozo, a companhia, a viſaõ

de Deos, a gloria dos corpos, a duraçaõ de todos esses bens. Se a Rainha Sabà chamou bemaventurados aos que assistiaõ no palacio de Salamaõ: que gloria teraõ os bemaventurados do Ceo, vendo a gloria naõ só de Deos, mas da Rainha dos Anjos, & a sua mesma gloria, com os quatro dotes de sutileza, ligeireza, impassibilidade, & claridade? entaõ se daraõ por bẽ empregados os trabalhos desta vida; porque se verão os serviços bẽ apremiados, & os desejos satisfeitos; a Fé, Esperança, & Charidade bem galardoados. Tiremos desta meditaçaõ, o soportar cõ paciencia, & gosto as penalidades desta vida, para gozarmos de tantos bens; para isso nos he necessario perder o amor aos falsos, & caducos averes

do mundo, & rematando cõ David, diremos: Hũa só couſa pedi ao Senhor, & eſta buſcarei ſempre, que more eu na caſa do Senhor todos os dias da minha vida, que ſaõ os dias da eternidade do Ceo.

DOMINGO.

MEDITAÇAÕ

Dos beneficios Divinos.

QUatro conſiderações tem eſta meditaçaõ; quaes ſaõ os beneficios; quem os faz; o modo com que os faz; & quem os recebe. Diſcorramos pelos beneficios géraes, que da ſumma bondade temos recebido, pelos particulares, & outros

tros muitos occultos, que não sabemos, entendamos, que tanta conta se nos ha de pedir dos beneficios, como dos peccados. O bemfeitor he Deos Rey dos Reys, Senhor dos Senhores: se o que dá hum Rey, por pouco que seja, se estima em muito; que estimaçaõ devemos fazer do muito, que nos tem dado o supremo Rey do Ceo? O modo como Deos faz os beneficios, he digno de admiravel ponderaçaõ, porque he com hum amor finissimo, perpetuo, & constante, com que nos está continuamente enchendo de beneficios. Se considerarmos na mà correspondencia dos sojeitos, que recebem os divinos beneficios, pasmaremos das nossas ingratidões. Tiremos dos quatro pontos hum só ponto, naõ dar-

darmos offensas por beneficios; naõ sermos ingratos, porque a ingratidaõ seca o rio das misericordias, & todos os que vaõ ao inferno, he pelo crime de ingratos; & para o não sermos, lembremonos do que disse Joseph filho de Jacob, a quem o solicitava a peccar: que naõ podia ser traidor a quem tanto tinha fiado delle.

SEGUNDA LINHA DA CARTA DE MAREAR.

SEGUNDA FEYRA.

MEDITAÇAÕ

Do Horto de Getsemani.

ENtremos agora pelo mar alto da Payxaõ de Christo, seguindo o rumo do Horto de Getsemani, acharemos nelle em oraçaõ ao bom Jesus, para nos ensinar, que sempre, mas muito mais nas tormentas do mar deste mundo, ave-

avemos de recorrer à oraçaõ, por ser o unico remedio, & porto salvo de todos os trabalhos desta vida. Christo orando teve tristezas, fastios, desemparos, para dar exemplo aos que eraõ, para os animar a vencer as tentaçõesdo inimigo, a perseverar, & conformar com a Divina vontade; contemplemos naquelle mortal accidente que teve o affligidissimo Jesus orando, suando sangue, & agonizando antes de açoutado, & crucificado, só com a imaginaçaõ vehementissima dos tormentos, causados das nossas culpas; se temos fé, razaõ, & amor, como devemos ter, resolvamonos a servir, & amar a todo o custo a quem morreo por nos salvar.

TER-

TERÇA FEYRA.

MEDITAÇAÕ

Da Columna.

POnhamos hoje, a proa da meditaçaõ na Columna, em que esteve nù, & amarrado, o que veste os Ceos, a terra, arvores, animaes, & homens: que pejo, que confusaõ padeceria o innocentissimo Senhor, vendose despido à vista dos mais profanos olhos? E se Christo sofre com taõ admiravel paciencia o ser açoutado como escravo, & ladraõ: como ha Christaõ, que se peje de fazer actos de Christaõ, que deixe de guardar a ley de Deos, por

guar-

guardar as leys do mundo? Se como Christaõs queremos imitar a Christo, derrubemos o Idolo: Que diraõ: porque nos avemos de envergonhar de fazer, de sofrer por amor de Deos, o que elle se naõ peiou de fazer, & sofrer por nosso amor? Mas a quem naõ cortará o coraçaõ, ver a Christo ir arrastando-se pelo mar de sangue que estava aos pès da Columna, a buscar o seu vestido? Oh alma minha, pega dessa sagrada tunica, que de a tocar sarou muita gente, & com a humildade, & devoçaõ, que puderes, offerece-a em espirito a teu Senhor, pedindo-lhe te vista da sua graça, & pelas purissimas mãos, que a Senhora poz nella, quando a fez, te perdoe os teus peccados.

QUAR-

QUARTA FEYRA.

MEDITAÇAÕ

Do Ecce Homo.

NO rumo do *Ecce Homo* havia mos de ter os coraçõẽs de cera, para nelles ſe imprimir a laſtimoſa imagem de Chriſto com as mãos atadas, & nellas huma cana por cetro, & nos hombros hum pedaço de purpura velha, na cabeça hũa coroa de eſpinhos, feito hum Rey de eſcarneo o Rey dos Reys, & Senhor dos Senhores. *Ecce Homo*, Eis aqui o homem, que buſcou a Deos em tantos annos para medianeiro, & Redemptor dos homens.

Ecce

Ecce Homo, Eis aqui o homem, que ſendo a figura ſuſtancial do Padre Eterno, eſtá feito hũa Ave de penas, hũa paſta de ſangue. *Ecce Homo*, Eis aqui o homem, que quem o tiver por ſi, não dirà que não tem homem ; antes poderà affirmar que tem mais que homem. Tiremos da meditaçaõ do *Ecce Homo*, o não nos deſculparmos com o enfermo da piſcina: *Hominem non habeo*; porque no diviniſſimo *Ecce Homo*, temos o noſſo homem, & o noſſo Deos, que padeceo como homem, para nos ſalvar como Deos.

QUINTA FEYRA.

MEDITAÇAÕ

Da Cruz às costas.

COm a Cruz às costas vai o nosso General Jesus surcando mares de sangue com taõ grande tormenta, que leva o bordo debaixo d'agoa; digo, debaxo do sangue, que corre do seu sagrado corpo; cheguemos, como nàos que somos da sua armada, & a modo maritimo lhe demos a boa viagem: Oh, oh da náo, como vai o Senhor General? Muito bem, respondem da Capitania: muito bem, para servir, para padecer, para salvar a todo o genero humano

mano; não vay dentro da arca como Noè, mas com a Arca às coſtas, para ſalvar os peccadores do diluvio de ſeus peccados; vai como Iſac com a lenha às coſtas, para nella ſer ſacrificado por noſſos peccados; vai com a chave de David ſobre o ombro, para nos abrir com ſua propria maõ a porta do Ceo; aqui ſe deſpare toda a artelharia dos noſſos ſectos, toda a contriçaõ d'alma, todo o fervor do eſpirito, & ſeguindo a eſteira da Capitania com a nào da Cruz em que vivemos, vamos fazendo noſſa viagem; vamos ſeguindo o farol de Chriſto, atè entrarmos pela barra do Ceo.

SESTA FEYRA.

MEDITAÇAÕ

De Chriſto crucificado.

SUbamos hoje com a alma de Cantares ao monte de myrra, ao monte Calvario, onde eſtá o ramalhete do peito poſto numa Cru contemplemos naquella Roſa de Jerichò, toda aberta em chagas, cercada de eſpinhos; ponhamos os olhos d'alma na ſerpente exaltada para remedio dos feridos da ſerpente infernal; vejamos crucificado na nàò, o que a levou às coſtas, & vamos vendo da cabeça até os pès as barbaridades, que fizeraõ os noſ-

nossos peccados ; os pès, & as mãos pregados com cravos grossos, & esquinados ; as feridas taõ abertas, & rasgadas com o pezo, & solabanco da Cruz; a almofada da cabeça com chumaço de penas, a fronha de espinhos, os rios de sangue que correm das fontes do Salvador ; quem em que lavar , chegue a lavarse naquella derretida purpura , & liquido coral ; digamos ao Pastor, que está crucificado no seu cajado, que nòs somos as ovelhas perdidas, que elle busca, que como bom Pastor nos receba no seu rebanho ; & naõ duvidemos , de que nos receba; porque quem dà a vida por peccadores , naõ quer a morte do peccador.

SABBADO.

MEDITAÇAÕ

De Christo morto nos braços de sua Mãy.

HOje que he Sabbado, dia Virgem, temos o Sol posto nos braços da Aurora, a Christo, Sol de Justiça, morto nos braços da Divina Aurora sua Mãy, façamos por sentir dentro de nossos corações, o que se naõ póde com palavras explicar, nem com o juizo alcançar; consideremos naquella mistura do sangue do Filho com as lagrimas da Mãy: que dor teria a Senhora vendo mais de perto os martyrios, que padeceo seu Filho no al-

to da Cruz ? Entaõ devia de pagar à natureza as uſuras de ter parido ſem dores ; porque entaõ ſe cumprio a profecia da eſpada de Simeaõ: mas que eſpada foy , a que profetizou o Santo Simeaõ ? Que eſpada , a que treſpaſſou o Filho , & a Mãy , ſenão o noſſo peccado ? que quem offende o Filho, tambem offende a Mãy ; mas he de tanta miſericordia a Mãy , que com a morte do Filho nos negocea o perdão : ſirvamos pois , & amemos a Mãy , & o Filho ; porque ambos nos amão a matar , a ambos devemos a vida , & a ſalvaçaõ.

Univers. de
BIBLIOTH
Fac. de Philos. Scie
918

DOMINGO.

MEDITAÇAÕ

De Chriſto reſuſcitado.

CEſſou a tempeſtade, ſereno o mar da payxaõ, reſuſcitou Chriſto todo banhado de reſplandores, com mais gala, com mais gloria, que Joſeph ſahindo do carcere; que Daniel do lago dos leoés; que Jonas do ventre da Balea: alviçaras alma minha, alviçaras, que temos chegado ao porto da reſurreiçaõ de Chriſto. Demos as graças, & os parabens ao vitorioſo Jeſus, & a ſeus pès digamos com S. Thomè: Meu Senhor, & meu Deos, com a voſſa

vossa glorioſa reſurreiçaõ reſuſcitarei a hũa nova vida; mas como os Lazaros não podem reſuſcitar ſem lhes bradares, dizei, Senhor, à minha alma, que deixe a mortalha, & ſepultura dos vicios; & ſenaõ baſtaõ as vozes de hũa graça ſufficiente, ſeja o brado de hũ efficaz auxilio, que como forte cabo me leve à toa, viſto eſtar tão deſtroçado, aſſim como levaſtes o bom ladraõ, tambem deſtroçado; meteime Senhor naquelle porto, onde ſe recolhem em paz a armada dos eſcolhidos, a frota dos predeſtinados, onde por meyo da carta de marear, ſe cantaõ os nauticos celeumas por todas as eternidades, Amen.

EXER-

EXERCICIO DE NOSSO PADRE S. FRANCISCO.

Na Segunda feira.

APresentavaſe diante de Deos, como reo, & culpado diante do Juiz ſupremo, fazendo exame, & meditaçaõ de ſuas culpas, pelas quaes tinha merecido a pena eterna, explicando, & conhecendo a malicia, & miſeria em que tinha cahido, tendo ſó eſperança na miſericordia de Deos, rogava humildemente

mente lhe perdoasse, appellando da curia da sua Justiça para a da sua misericordia.

Na Terça feira.

APresentavase diante de nosso Senhor, como enfermo diante do medico, & com grande affecto do coraçaõ, imaginava estar enfermo de muitas enfermidades; & rogava a nosso Senhor, pois elle só podia, como medico verdadeiro o saraſſe.

Na Quarta feira.

APresentavase como devedor diante do seu acredor, conhecia as suas dividas, assim culpas, como

mo beneficios, & conhecendose devedor de muitas maneiras, & vendo, que naõ podia pagar tudo, nem parte, pedia a sua Magestade, que pois era rico, & liberal para todos, os que de coraçaõ o chamavaõ, o livrasse daquellas dividas, esperando só em sua misericordia.

Na Quinta feira.

APresentavase diante de nosso Senhor, como pobre mendigo diante de seu Rey, & rogava a sua divina Magestade, tivesse por bem o sustentalo, dandolhe o manjar necessario para a vida espiritual, declarando a necessidade, & fome que padecia a sua alma, pela esterilidade, que nella sentia; pois era Provedor

vedor liberaliſſimo, o ſoccorreſſe abundantemente, porque ſó nelle tinha eſperança.

Na Seſta feira.

APreſentavaſe como ſervo diante de ſeu Senhor, tendoſe por ſervo mão, inutil, & negligente no ſerviço de ſua Mageſtade, cohecendo que tinha gaſtado o tempo ſem proveito, & em peccados, que mais merecia o carcere do inferno, do que o ſer perdoado: meditando eſtas couſas rogava ao Senhor que por ſua divina miſericordia lhe perdoaſſe, & o não lançaſſe de ſua caſa, nem o apartaſſe de ſeus eſcolhidos.

No

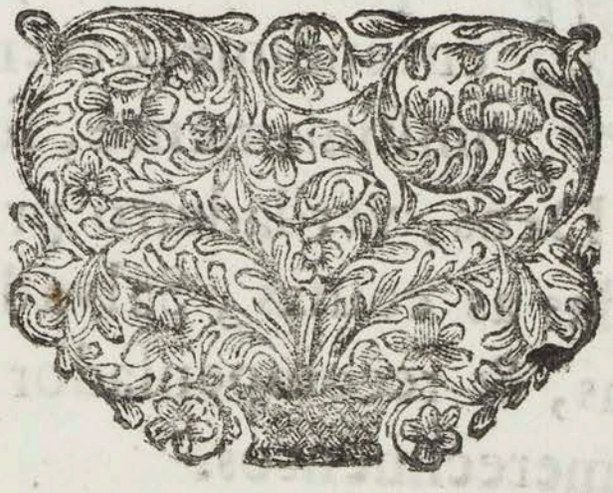
No Sabbado.

APresentava a sua alma como esposa diante do seu esposo, considerando que a sua alma era esposa do Senhor; entregavalhe a vontade, o coraçaõ, a liberdade; explicandolhe os seus desejos, e declarandolhe a sua necessidade, dizia com o Salmista: Como o veado deseja com sede as fontes das agoas assim a minha alma vos deseja meu Deos: pedialhe como a esposo querido visitasse muitas vezes a sua alma, porque amava muito a sua presença.

No Domingo.

APresentavase diante de nosso Senhor, como filho diante de seu

seu pay; confessava ser o filho prodigo, & fugitivo, apartado de seu pay por desobediencia; desapossado da herança paterna, esperava na misericordia de taõ entranhavel pay, & dizia: Padre, pequei no Ceo, & diante de vòs, ja não sou digno de ser chamado vosso filho; fazeime Senhor como hum dos vossos mercenarios; conhecendose por rebelde à vontade de seu pay, pedia lhe perdoasse, & o recebesse por filho.



EXER-

EXERCICIO DO SERAFICO DOUTOR S. BOAVENTURA

Para os aproveitados.

Segunda feira.

Quis est qui patitur?

D. Bonav. 3. opuſ. c. 53. in incendio amoris.

QUEM he o que padece? Aqui ſe ha de ſojeitar o entendimẽto crendo firmiſſimamente, ſer o Filho de Deos, verdadeiro principio de todas as couſas, Salvador dos homens, & recompenſador de todos os merecimentos.

Terça feira.

Qualis est qui patitur?

QUal he o que padece? Aqui se haõ de considerar as suas qualidades, & procurar o transformar a alma no Senhor por affecto de compaixaõ, compadecerse delle, como innocentissimo, mansissimo, nobilissimo, & amantissimo.

Quarta feira.

Quantus est qui patitur?

QUam grande he o que padece? Aqui ha de reparar a alma, considerando, como o Senhor

he immenſo em poder, em fermoſura, em bemaventurança, em eternidade, como ſe humilha, & aniquila aquelle poder immenſo, como ſe afea aquella fermoſura, como he atormentada a Bemaventurança, & a eternidade morta.

Quinta feira.

Qua de cauſa patitur?

PORque cauſa padece? Aqui ſe ha de meditar como padece por noſſa redempçaõ, ſantificaçaõ & glorificaçaõ; & naõ por intereſſe ſeu, nem por merecimento noſſo, ſenão ſó pelas entranhas de ſua piedade.

Seſ-

Sesta feira.

Quali forma patitur?

COm que forma padece? Aqui se ha de considerar, que padece, como hum verdadeiro cordeiro, de boa vontade por amor de nòs mui obediente ao Padre, & seus inimigos.

Sabbado.

Quanta sint quæ patitur?

AS cousas que padece? Aqui se ha de considerar como padeceo atado, sendo o todo poderoso, como foi injuriado de palavras, &

com vozes como vil, sendo a summa bondade, como foi escarnecido como nescio, sendo a mesma sabedoria, como foi atormentado, sendo a meíma Justiça, & a mesma santidade.

Domingo.

Quid ex hoc consequitur?

QUe se seguio de morrer Christo? Seguiose abrirse o livro dos sete sellos do Apocalypse, que como diz o Serafico Doutor, vem a ser: *Deus admirabilis*, *Spiritus intelligibilis*, *mundus sensibilis*, *Paradisus desiderabilis*, *infernus horribilis*, *virtus laudabilis*, *reatus culpabilis*.

Deus admirabilis: porque venceo o demonio na justiça, com que buscou o rigoroso preço da nossa re-

redempçaõ; na infinita miſer cordia, com que ſe offereceo a morrer por ſeus inimigos.

Spiritus intelligibilis: eſpirito intelligivel, a brandura, & benignidade dos Anjos, o valor das almas, crueldade, & tirania dos demonios, que ſaõ tres differenças de eſpiritos comprehendidos na palavra, eſpirito intelligivel.

Mundus ſenſibilis: conheceo ſe a cegueira do mundo, que não conheceo a luz do Ceo, que deſceo para allumiar, condenou, & tirou a vida a ſeu Senhor.

Paradiſus deſiderabilis: manifeſtou-ſenos o agradavel Paraiſo que deſejamos.

Infernus horribilis, deſcobrioſe o inferno ondeoscondenados padecem.

Virtus laudabilis: descobrioſe que mais quiz o Senhor perder a vida, porque ſe não perdeſſem as noſſas almas.

Reatus culpabilis: descobrioſe a graveza do peccado, para cujo remedio foi neceſſario grande preço, taõ cuſtoſo Sacrificio, taõ difficultoſa medicina.

Receita eſpiritual.

SE a oraçaõ he trato, & contrato d'alma com Deos, as almas que tẽ o contrato dos dizimos reaes, para darem a Deos, o q̃ he de Deos, & a Ceſar o que he de Ceſar: as almas que tem o contrato dos vinhos, que trataõ do amor de Deos, entre os brindes do amor profano: as almas

mas que arrematàrão o contrato das penções, estando sujeitas ás do mundo, & do corpo: as almas que contratão nos açougues, & còrtes da carne inimiga d'alma, necessitão de hũa cura géral, & de huma convalecença particular, que começa pelo mui celebrado quarteto na mystica Theologia.

Olvido de lo creado,
Memoria del Redemptor,
Recogimiento interior,
Amando siempre al amado.

Em quanto se anda à falla com o mundo sem cautela, & recolhimento interior das potencias, não será possivel, q̃ huma alma dure muito tempo no amor de Deos, conservando as sinco portas abertas, por onde francamente podem entrar seus ini-

migos, que tantas vezes entraõ até que deixaõ a praça por sua, & as virtudes, que dentro estavaõ, postas na praça; & ainda mal, porque a experiencia tem provado tantas vezes esta verdade, retorcendo tantas almas no caminho da perfeiçaõ; as quaes querendo levar o Ceo como mundo, ficaõ prezas na mão do mundo.

Em segundo lugar, devem tomar hũs suores nas potẽcias, para que fiquem livres do accidente do ar, que sempre impede os movimentos para o Ceo; obrigando a que todas se empregnẽ nas cousas terrenas, difficultando a virtude, & sempre clamando que só o mundo he o seu Cesar.

Estes suores se haõ de tomar na estufa da Oraçaõ Mental, no fogo

do

do amor de Deos, deputando para isso duas horas cada dia, nas quaes o entendimento vai despedindo não só os pensamentos contrarios á virtude, mas ainda os indifferentes, que naõ servem para aquelle lugar, deixando para outro tempo, o que naõ conduzir para o amor de Deos, respondendo a tudo o que vier, o que là respondeo Christo às Virgens loucas: *Clausa est janua.*

A memoria tambem ha de ir largando as lembranças do passado, cõservando só aquellas que lhe podem servir para a dor, & confissaõ das culpas; procurando o mais que puder, que sobre as culpas haja suor de lagrimas; que com estas se purifica o arrependimento, & corrobora o proposito: pois he certo, que naõ

pre-

prevalecem as culpas contra as corretes das lagrimas; porq̃ se os olhos choraõ, là se vaõ as culpas pela agoa abaixo: longe está de cahir, o que chora as quedas que tem dado: as praças que tem agoa por muros, nunca se tomaõ por terra.

A vontade he a que mais ha de perseverar no suor, porque nella he mayor a enfermidade, para que fique de todo livre de todo o mais querer abaixo de Deos, será necessario aplicarlhe sempre o fogo, & de mais perto, retirandoa de tudo, porque tudo a que se pega aqui, despega lá, & por pouco que seja, faz muito dano; porque este amor do mundo he como bareja, logo cria bichos onde se poem.

A agoa que se bebe nesta convalecen-

lecença, he cozida com as raizes do deſprezo, porque aqui todos os deſprezos do mundo ſe bebem com agoa: iſto he hum dos mayores ſinaes de que ſe vai melhorando a alma na ſaude, por ter chegado jà ao monte de naõ ſe me dà, nem ſe lhe dà do que ſe diz, nem do que ſe lhe faz, & todas as ſuas tenções ſaõ para ſima: quem muito ſe ſente, nem eſtá ſam, nem eſtá ſanto.

As pirolas que ſe tomaõ ſaõ de penitencia, porque com ellas ſe vai gaſtando a opilaçaõ, que deixàraõ os vicios na vontade, ficando entaõ mais habil para correr o caminho da perfeiçaõ.

Os defenſivos não ſe aplicaõ à cabeça, ſenão ao coraçaõ, porque ſe contra elle encaminha o mundo

o ſeu

o seu veneno, entre todos o melhor defensivo, he hum que faz a vontade, a que chamaõ (naõ quero) em quanto este persevera, ou algum dos seus irmãos (detesto, abomino, arrenego do diabo) nunca se rende a praça do coraçaõ.

As sangrias todas se daõ na vea de todo o corpo, porque sendo inimigo caseiro, he necessario diminuirlhe as forças, porque se não rebelle contra o espirito; porque em quanto o corpo anda forçoso, anda o espirito fraco.

As ventosas todas se lançaõ no alto da presumpçaõ; porque para obedecer aos baxos da humildade, ha se de fazer a descarga nos altos da soberba, & quando esta não obedeça ao fogo das ventosas, ha se de pas-

far ás ventoſas ſarjadas, lançando mão às diſciplinas de ſangue; porque ſe o natural ſe vè oprimido, logo fica humilhado.

Os lambedores vem feitos do Calvario, porque à viſta do que Deos alli padeceo por nòs, tudo nos fica doce, & ſe ha alguma dureza no peito, logo ſe vai gaſtando, ficando a vontade ſá, goſtoſa de padecer, & de muito goſtoſa lambe as dores, & faz eſtimaçaõ das penas: tudo quanto aqui ſe come, he aſſado; porque o amor de Deos, tudo poem a aſſar, & daqui naſce o naõ ter faſtio, porque o tempero do amor logo lhe abre a vontade: nada de molho ſe come aqui, porque o mundo he que ſe poem de molho: as camas ſendo todas bem feitas, todas ſaõ duras; porque

que nunca se faz a cama à nossa vontade; mas para a verdadeira saude, estas saõ as melhores; porque a alma, que menos fizer a sua vontade, dormirà no leito do Esposo com mais descanço.

Para os accidentes de melancolia, que saõ muito ordinarios nos que entraõ a convalecer de novo, se devem tomar hũs pòs da terra com os olhos no Ceo; & conhecida a differença, logo foge a tristeza da alma; porque julga por nada quanto padece, à vista da Gloria que espera.

Os xaropes saõ feitos da raiz contraria ao vicio, que mais reyna, em quanto este naõ cahe por terra, sempre se deve temer a recahida: as dietas saõ feitas pela maõ do jejum, & todos quantos entraõ nesta cura,

logo

logo se poem de dieta, porque amor entre regalos, morre de aploplexia.

Para as purgas se receita o manà; porque para purgar as imperfeiçõés d'alma, & a vivar as operaçõés do espirito, a purga mais operativa he a do manà, o Sacramento do Altar; mas ha se de tomar depois de bem quente nos desejos do coraçaõ.

Finalmente para se conservar a saude perfeita em todo o tempo, se ha de tomar cada dia huma untura géral daquelle oleo, que chamaõ presença de Deos; porque este oleo tem virtude para preservar de todos os males, & para confortar o cerebro, em ordem a impedir as fraquezas da cabeça, he efficacissimo remedio andar sempre cheirando aquel-

la

la flor do campo, que naſceo em Bellem; que para confortar aos fracos, he couſa vinda do Ceo.

Actos de amor de Deos, & complacencia das perfeiçoens Divinas, para os exercitar a alma na contemplaçaõ activa.

PAra huma alma adquirir com a graça de Deos o felice eſtado da cõtemplaçaõ activa, o mais principal meyo he a contemplaçaõ dos actos, para vir a cobrar a perfeiçaõ delle: & perguntando, que couſa he amor, defineſe o amor: Hũ bem querer, hum alegrar, & gozar dos bens, & perfeições que a peſſoa amada goza; deſejar, & procurar com todas as forças grangearlhe mayores

aug-

augmentos, darlhe gosto em tudo, fazerlhe a vontade, adevinharlhe os pensamentos, cuidar muito nelle; & naõ lhe dar occasiaõ de queyxa, isto he ser amor, & quem deseja telo a Deos Nosso Senhor, que só he digno de ser amado, & só elle he verdadeiro amante, guarde estas condiçõẽs.

Queiralhe bem, gozandose, & alegrandose excessivamente, de ser elle quem he, deseje & procure com todas as forças grangearlhe gloria em si, armandose de virtudes, com os seus proximos, ajudando-os, & servindo-os, como se foraõ o mesmo Deos, delhe gosto em tudo, façalhe a vontade, nãõ no offendendo, adevinhelhe os pensamentos, para lhe obedecer, cuide muito nelle,

trazendo-o ſempre preſente, naõ lhe dè occaſiaõ de queixas, guardando os ſeus preceitos, & iſto he terlhe amor, & para o exercitar, quem de veras deſeja ſervir a Deos, tome os divinos attributos, pela ordem dos dias.

No Domingo, cuidar na fermoſura de Deos.

Na Segunda feira, em ſua ſabedoria.

Na Terça feira, em ſua omnipotencia.

Na Quarta feira, em ſua bondade.

Na Quinta feira, em ſeu amor.

Na Seſta feira, em ſua miſericordia.

No Sabbado, em ſua eternidade.

Executará a vontade com dous actos

actos principalmente, que saõ alegria, & complacencia, gosto, & deleite, em ser Deos perfeitissimo, & summo bem, resignandose em tudo o que lhe ordenar, & quizer, obedecendolhe com gosto, amando-o com satisfaçaõ, & contentamento.

Ao Domingo em despertando (façamos exemplo deste dia para os mais dias da somana) se lembrarà que ha de gozarse aquelle dia em a fermosura de Deos seu Creador. E diga: Gozome Senhor, & douvos mil parabens, de seres fermosissimo, daime graça para me saber namorar de vós, & luz para penetrar alguna cousa do muito que em vós creyo. O mesmo diga todos os dias na contemplaçaõ dos outros attributos, pelas palavras que mais lhe con-

tentarem , & forem do coraçaõ.

Quando entrar na oraçaõ, depois dos actos costumados de adoraçaõ, resignaçaõ, contriçaõ, & petiçaõ, pondose em presença de Deos, com acto de Fé, diga: Creyo Senhor que sois o que sois, & gozome de seres fermosissimo (ou sapientissimo, conforme o attributo do dia , em que orar) ensinaime meu Deos, & mestre a vos conhecer, & amar, que de mim nada sou , nada posso , nada valho, nada mereço, nada quero mais que a vòs , façase em mim vossa vontade. Cõsiderandoo presente faça muitos actos de Fé: Creyo que meu Deos está presente, & que he fermosissimo, misericordiosissimo, eterno. E fallando com elle lhe diga: Mil parabens vos dou Senhor de seres taõ

bello

bello,(ou Sabio,conforme o dia)daimos a mim tambem Anjos, & todas as creaturas, de ter eu tal Deos, & tal Senhor, a quem eſpero ver, & gozar para ſempre: ò que gloria ſerà, meu bem, vervos! quando ſerá Senhor meu? chegue jà eſta hora deſejada, em quanto ſe dilata, me quero alegrar com os bemaventurados, em voſſa fermoſura: v.g. Regalo da minha alma vervos taõ lindo, & fermoſo,com o gozo,& deleite em voſſa gloria. Detendoſe faça preſente eſta alegria com a vontade, como quando temos goſto de ver hũa peſſoa, a quem queremos bem, ou a huma imagem devota a quem ſe tem devaçaõ,q̃ ſe eſtá como rindo a alma, & deleitandoſe com contentamento.

Desta maneira imitando os Serafins, que saõ os mais amantes espiritos, deixandose amar com elles, póde ir cada dia em cada attributo, exercitandose com o mesmo gozo, crendo, & alegrandose de ser Deos tal, & para isso terá liçaõ, ou noticia dos ditos attributos divinos, para com fundamento, & facilidade os contemplar.

Astrolabio para medir, & pezar os caducos Soes da terra.

Memor esto judicij mei,
Sic enim erit & tuum.
Mihi heri, tibi hodie. Eccl. 18.

ESta cabeça morta que vedes nas mãos de hũa caveira viva, he

he o astrolabio mais certo para a navegaçaõ de hũa vida, que sendo mar de miserias, he golfo de naufragios, lembrandovos o que foi esta caveira, & vendo o que he, cahireis no que sois, & no que aveis de ser.

Este tosco, & feyo globo foi do mundo pequeno imperial Corte; duma Princeza do Ceo Palacio encantado; da alma racional laberinto admiravel, & do livre alvedrio escorial mais sumptuoso; dentro desta medonha esfera estava a Sé Cathedral do Juizo, estas ruinas foraõ paços da vontade, num quarto desta abobada se accomodava a biblioteca da memoria, por estas peças, salas, torres de vento, passeava, & corria a vagamunda fantesia; nestas

eſcuras concavidades ſe armavão as tendas da ſenſualidade, as logeas da ambiçaõ, as eſtalagẽs dos ſonhos, os cobiculos dos deſenhos, as officinas das ideas, as cellas dos cuidados, os teatros em que por ſonhos faziaõ os demonios comedias dos peccados.

Neſte monte do corpo humano aſſiſtiaõ os quarteis dos ſinco ſentidos, por eſtes becos ſe alojava a infantaria dos torpes, & vãos penſamentos, nas portas de palacio eſtava de guarda a companhia dos lacivos tactos, deſtes buracos, noutro tempo de eſpiritos vitaes bem guarnecidos, rompia o povo das iras, o povo dos mais rebeldes affectos, & todas eſtas praças, & conquiſtas dominavão dous tiranos, amor, & odio.

Com

Com toda a fabrica que eſta bola do mundo pequeno teve, & com toda a laſtima que ſe vè, aviſa o Eſpirito Santo pelo Eccleſiaſtico a todos os mortaes, dizendo: *Memor eſto judicij mei.* Lembrate cabeça viva, deſta morta; olha, diz ella, que fui como tu es, & tu has de ſer como eu agora ſou. Vamos medindo, ou pezando com eſte horrivel aſtrolabio, o que foi, ou que podia ſer eſta caveira em toda a latidaõ da humana eſfera, & extençaõ da gloria mundana: que podia ter eſta caveira ſendo viva? Tiara de Pontifice, Coroa de Rey, chapeo de Cardeal, mitra de Biſpo, barrete de Clerigo, capello de Frade, borla de Doutor, chapeo de Homem, toucado de Mulher. Que mais podia ter eſta caveira

ra em ſua vida ? Huns creſpos , & polvorizados laços do mais agradavel pelo; ſobre eſte caſtello podiaõ brilhar plumas, tremolar bandeiras, & agora deſpejada de todas eſſas inſignias, roubada de todos eſſes vãos artificios, nem ſombra he do que foi.

O que por natureza foi obra em que o Ceo ſe deteve, fabrica em que a omnipotencia ſe eſmerou , & a Trindade ſe empenhou , eſtà em eſtado, que cauſa aſco, horror a quẽ a vè , hontem, ſe póde dizer , era roſto de Anjo, cabellos de ouro, cor de neve, olhos como eſtrellas, dentes de perolas ; & agora que he?

Digam os dous Principes da poeſia Latina, & Portugueza. *Fuit Ilium, & ingens gloria Teu crorum ; & campus ubi Troia fuit.* E a Portugueſa, q̃ diz? Cã-

pos bemaventurados, tornados agora triſtes. E na outra parte: Ireis ver ao chriſtal, os olhos bellos, & já os naõ vereis como dantes eraõ. Com razaõ o tẽpo da vida he como o repoſteiro, que arma os paços de tapeçarias, & bordados, acabada a feſta torna a deſarmar os ricos panos, & precioſas colgaduras, deixando as paredes nuas, & frias. Acabaſe a feſta da mocidade, deſarmãoſe as lindas armações dos tenros annos, & o melhor frontiſpicio da natureza humana, por violencias da morte, & roubos da ſepultura, fica da ſorte que vedes.

Amadores da vaidade, idolatras do mundo, notai que neſte ſigno de Eſcorpiaõ, neſte horrendo aſpecto, & medonha viſaõ ſe ha de tornar todo

do o ſoberano, pompoſo, rico, deleitavel do mundo: a caveira do Principe, a caveira do pobre ſeraõ differentes para os applauſos da fama, mas iguaes nos eſtragos da morte: morre o pobre, morre o Principe; porque a morte naõ perdoa, nem aos palacios dourados, nem aos paſtoris albergues: & que mais tem os oſſos, & a caveira do Principe, que a do pobre? menos tem, ou menos duraõ os oſſos do Principe, porque como ſaõ oſſos mais mimoſos, que ſe creàraõ nos regaços da fortuna, mais depreſſa os corõpe a morte, & gaſta a terra; & na parte da caveira, que he a reliquia mais perduravel, taõ caveira he a do Principe, como a do pobre, a do illuſtre, como a do humilde, a do rico, como a do pobre,

bre, a do sabio, como a do idiota, a do senhor, como a do escravo.

Aquella soberba estatua que atormentou a idea, & eternizou a memoria de Nabucodonosor, diz o sagrado Texto, que tinha a cabeça de ouro, os peitos de prata, o ventre de bronze, as canas de ferro, os pès de barro, bastou hũa pedra atirada sem maõ, para derrubar aquella arrogante fabrica em que a altiva Magestade unio artificiosa os mais preciosos metaes, que formou a natureza. Naõ reparo em que a pedra logo topasse no barro, avendo na estatua em que fazer mais subido emprego; reparo só em que este ouro, esta prata, este bronze, este ferro, de que se compunha a estatua, todo se tornasse em terra: *Redacta*

quasi

Dan. 2. 35. *quasi in favillã, æstivæ areæ.* O ouro derretido deixa fezes de ouro, a prata cinzas de prata, o bronze cinzas de bronze, o ferro cinzas de ferro: logo como diz a Escritura, que nada ficou na estatua, que se naõ tornasse em terra? Ora foi mysterio, foi espelho em que aprendessem os mortaes. Nesta estatua consideraõ algũs Doutores hum teatro da fortuna, no ouro a mais alta Magestade, na prata a fidalguia, no bronze a nobreza, no ferro a valentia, no barro a mechanica: ponde essa estatua em pè, vereis ouro, vereis prata, vereis barro: venha a baixo a estatua amaine essa soberba: em que se torna a chimera de metaes, a organizaçaõ dos Imperios? Em terra se torna tudo: *In favillam æstivæ areæ.*

Na-

Nabucos, Ceſares, Auguſtos, Pompeios, Claudios, Tiberios, Alexandres, Scipioens, Annibaes, Demetrios, Creſſos, Darios, Marios, Sillas, lembraivos de mim: *Memor eſto judicij mei*, diz eſta caveira. Tãto os que vivẽ no paço, como os que trabalhaõ no campo, ſaõ caveiras vivas, que haõ de ſer como eſta cabeça morta ſem differença nem diſtinçaõ, aſſim como haõ de ſer todos iguaes na terra, & cinza: *Æquat omnes cinis*: diz o Seneca: tambem nas caveiras naõ ha deſigualdade, nem diſtinçaõ alguma, em vida haverá melhor cabeça, mas depois da morte naõ ha melhor, nem peor caveira, alto, & baixo, tudo he caveira: *Sic enim erit & tuum.*

Se eſta caveira tem ordem, & licença

céça para fallar: *Memor esto judicij mei:* tambem eu tenho licença para lhe dizer: Caveira, onde estaõ os teus cabellos? lembrate, que quando os penteavas, fazias de cada prizaõ dourada hum laço para os olhos, hũ engano para os sentidos. Que he feito dos negros das sobrancelhas, como arcos, settas, & arpoens, que por serem negras por natureza, ou por artificio, tanto esforçavaõ a neve, & o burnido da testa? Estas lapas, que tiveraõ a dous soes por hospedes, como estaõ secas, escuras, & solitarias! Que novas ha dos ouvidos? para onde foi o padar, amigo de bon bocados? Que caminho levàraõ os dous Cardeaes amicissimos do Papa? E ja se desmanchou o portal de nacar com a galaria de marfim? Que sacri-

crilego pirata roubou a deidade, que nesta caveira se adornava? Ah cruel arpia! ah morte! ah bichos famintos, & raivosos! desta maneira destruistes a melhor peça do composto humano, sem nos deixares mais que esta carranca de ossos, este despojo da sepultura, este espectaculo da fealdade?

Tempo sei eu, em que as luzes que animou a bizarria para illustre excesso dos melhores astros, agora saõ Estrellas desencaxadas, Soes escurecidos; se noutro tempo as engraçadas faces foraõ matizes que animou a gentileza, para desprezo galhardo das presumpçõens da Rosa, consumido o resplandor, morta a viveza, extinguio a morte o primoroso retoque dos esmaltes dos campos,

a ſemetria dos accidentes, a finoſomia das feiçõeſ para exemplo, para eſcarmento dos preſumidos Soes da terra. Elena antes de ſer caveira, vio num eſpelho a fragilidade da forma, a mudança do tempo, na mudança do ſeu roſto; & diz Plutarcho, que ria, & chorava: riaſe aos exceſſos, que por ſeu reſpeito ſe cõmeteraõ, deſpovoarſe Grecia, abrazarſe Troya, pelejarem Deoſes entre ſi por amor della: mas tambem chorava de ver com ſeus olhos, o que já era eſcandalo da viſta, a que fora idolo de tantos olhos, & de ver em ſi executada a cruel ſentença do tempo; dizem que com payxaõ ſe enforcára, & quanto melhor lhe fora verſe neſte eſpelho, que talvez com elle melhoràra a vida, enforcára

a vaida-

a vaidade, que a fez perder a vida.

As Elenas, Libias, Europas, pesemse neste astrolabio, & veraõ como nos alterados mares da presumpçaõ he falsa, & vã a sua fermosura: aprendaõ tambem os Nabucos, & saibaõ que tem o Ceo pedras, para fazer em meuda area a mais soberba estatua do mundo: aprendaõ os Absaloens, que cabellos de ouro servem hoje de ornato, & a menhaã de desengano: aprendaõ as Racheis, que brevemente seraõ Saras, & de Saras passaràõ logo a caveiras; & desenganemse as Saras, que ja naõ saõ Racheis; naõ queiraõ contradizer a seu Creador, reformando, & emẽdando com enfeites, o que Deos formou, porque as naõ desconheça na resurreiçaõ géral com o *Nescio*

vos das Virgens loucas: aprendamos todos que as figuras que aparecem, ou desaparecem no teatro desta vida, vistas, ouvidas, & cheiradas, gostadas, apalpadas, em quãto vivas, saõ torpezas enfeitadas, horrores prateados, caveiras douradas; depois de mortas, he o que vedes. O mundo, diz S. Paulo, he huma figura universal, que se compoem de muitas figuras; he figura que vay passando mostra: *Præterit enim figura hujus mundi*: em vida vereis as figuras do mundo bem vestidas, & bem trajadas, mas depois que passaõ à banda dalem, que vaõ para outra vida, vemse des figuradas, & taõ mudadas como esta que aqui vedes; & se quizesse Deos que a mudança desta figura fizesse sempre em nòs alguma mudança.

1. Cor. 7. 31.

Ce-

Celebrava Cortes em Toledo o Emperador Carlos Quinto, quando a morte, que igualmente piza palacios, & cabanas, cortou no mes de Março, mez das flores, a mais celebrada fermosura daquelle seculo, a Sereniſſima Emperatriz Augusta D. Isabel; para se levar o defunto corpo a Granada, elegeo o Emperador da fidalguia Espanhola o mais illustre, & luzido da Corte, encomendando aquella pia, & religiosa acçaõ ao Marquez de Lombai, que depois foi Duque de Gandia: chegàraõ a Granada, abrioſe o caixaõ, & que se vio? Aquelle rosto, que dantes era a maravilha da natureza, reduzido a huma cifra da fealdade, taõ mudado, & denegrido estava o rosto da Emperatriz, que o

Marquez attonito, & compungido, logo alli dentro de si se resolveo a não servir mais a quem lhe ouvesse de morrer; entrou na esclarecida Religiaõ da Companhia de Jesus; entregouse todo à penitencia, humildade, & oraçaõ; viveo, & morreo taõ Santo, que a Igreja o tem já posto nos Altares, com o nome de S. Francisco de Borja, com huma caveira na mão, instrumento da sua prodigiosa conversaõ.

Flores do mundo com almas racionaes, vedes como se murcha, como se seca, & fica taõ fea, & disforme a melhor flor da vida? Aqui se vè o que vio S. Joaõ no seu Apocalypse, o feno verde queimado: *Omne fœnum viride combustum est*: se a flor do feno, com que Isaias compara a

Apoc. 8. 7.

gloria,

gloria,& fermoſura do mũdo: *Omnis caro fœnum,& omnis gloria ejus, quaſi flos agri*, ſe queima, & abraza pondoſe neſte eſtado, *combuſtum eſt*; alerta flores, que para nòs he a fouce,& o córte mais certo da morte: *Flores apparuerunt in terra noſtra, tempus putationis advenit.* Iſai. 40. 6.

Na Monarchia das flores a que brota mais linda, qualquer vento a deſfolha, qualquer deſabrigo a murcha, qualquer inclemencia a mata,& naõ ſem laſtima vereis as flores embaladas no berço da menhaã, mortas,& ſepultadas no occaſo da tarde, de toda aquella pompa com que amanhecem preſumidas, ſe cortaõ os capuzes, com que anoitecem pallidas,& amortecidas, o meſmo que as anima, he verdugo que as desbarata, Cant. 2. 12.

o mesmo orvalho, que as enfeita, he aspide que as ensovalha, nascem tomando os postos mais altos, pospondo o credito de recatadas à lisonja de bem vistas, & pela liviandade da fermosura, escusando o desengano do pò da terra, no ar achaõ o escarmento, no castigo com que as desbarata. Da rosa diz Plinio, q̃ he a derradeira que florece, & a primeira que perece: *Novissima rosa ea, quæ primo deficit.* E porque a rosa, por ser o melhor emblema da fermosura, está tida por Rainha das flores; quero noticiala aos que nũca a viraõ, o seu nascer, & acabar no mesmo dia, para que se cõbine a noticia da melhor flor com a vista da que murchou nesta caveira.

Formase a rosa em hum botaõ da mais rica tela, que se teceo nos tea-

res

res da natureza; todo salpicado, & brincado todo dos liquidos aljofares, com que a Aurora borda as flores: o Sol, que do palacio do Oriente vé nascer a rosa, começa a galanteala ainda infanta nas mantilhas de carmesim, & logo nos mais brandos, & dourados rayos manda Embaxadores para o casamento que pertende: se os Ceos foraõ jardins, naõ ha duvida que a rosa fora Rainha, onde o Sol he Rey: com o recado dos Embaxadores do Sol, abre a rosa o Ceo da sua fermosura, descobrese o thesouro das bellezas, aparece a gloria das plantas, o primor das flores, a perola do prado, brilhaõ as purpuras nas rutilantes folhas, perfumaõ os Ceos as odoriferas exalações, pasmaõ os olhos de ver

tal lindeza em taõ pequena planta; ajuntaõse em cortes todas as flores, & vendo na rosa a fórma digna de imperio, as insignas reaes de purpura, da coroa, & guarda dos espinhos, todas de commum consentimento a aclamaõ, & juraõ a rosa por Rainha das flores, com consecas demonstraçõe de alegria, com as armonias das aves, danças dos ventos, repiques dos arvoredos, descantes dos rios, todas a hũa voz clamaõ, Viva, viva a rosa; mas quanto vive a rosa, quanto dura o seu reinado? O Thema da caveira o diz: *Mihi heri, tibi hodie*, Hontem por mim, hoje por ti: sò hum dia tem de vida a Rainha das flores; he efimera de hum dia a rosa, pela manhaã coroa, ao meyo dia trono, à tarde doença,

à noi-

à noite mortalha: *Quam longa una dies, ætas tam longa rosarum.*

Ao que reſponde a caveira: *Nos quoque floruimus, ſed flos fuit ille caducus.* Tambem nòs florecemos, mas o que floreceo, foi como orvalho da noite, que ſe derrete em aljofar ſobre as eſmeraldas do campo, que aos primeiros ardores do Sol ſe ſeca, aſſim como flor, aſſim como orvalho que cria as flores, ſe ſeca, & murcha, acaba o brio, a ſuavidade da cor, & proporçaõ de feiçõeſ, & naõ deixa de admirar, & confundir ver os extremos da gentileza transformada nos methamorfoſis deſta deſformidade.

Foraõ os Soldados buſcar o corpo da Rainha Jezabel, para lhe darem ſepultura, & diz a Sagrada Eſcriptura

Reg. 9. 35. tura, que naõ achàraõ mais que a caveira: *Non invenerunt nisi calvariam*; pegaõ da caveira, & de admirados, & confusos perguntaõ: *Hæccine est illa Jezabel*? Esta he aquella galharda Princesa de Israel, & celebrada Jezabel? esta he a que estudava enfeites na livraria dos espelhos? esta a que tomava pontos na cara, & com falsas tintas cayava as envelhecidas taipas das faces: *Hæccine est illa Jezabel*? Esta a que nas janellas de Palacio se vendia por ramalhete da natureza: *Hæccine est illa Iezabel*? Vedes camaradas em que se tornou o Imperio, a pompa, a gala, o melindre, a jactancia, a soberba, a tirania de Jezabel? Si bellezas enganadas, & enganadoras; desta sorte se ha de murchar, o que a vossa ceguei-

ra

ra chama rosa, desta sorte ha de cahir o idolo, que a vossa locura apellida estrella, desta sorte se ha de eclipsar a luz, que o vosso engano aclama Sol: *Sic enim erit & tuum.*

Entrou Noemi em Bethlem, sahirão as molheres a ver aquelle pasmo de fermosura, & rompendo em vozes publicas diziaõ: *Hæc est illa Noemi?* Esta he a famosa Noemi por antonomasia a fermosa? Já naõ sou essa, respondeo Noemi, que quer dizer fermosa, *Ne vocetis me Noemi; idest pulchram*, porque os trabalhos, os desgostos, & penalidades da vida, o tempo, & suas mudanças, foraõ os instrumentos com que Deos afligio, & humilhou a minha fermosura: *am Dominus humiliavit, & afflixit omnipotens*; & que mais abatida, que Rut. 1. 19.

mais

mais humilhada, & caſtigada, póde eſtar a fermoſura do mundo, do que nas caveiras, ainda das que foraõ ſantas como Noemi, Rebecca, Michol, Judit, Eſther? Que mayor afronta, que mayor mortificaçaõ de huma gentileza deſvanecida, que huma caveira? baſtava ſer calva, quanto mais caveira.

Quando os ſagrados Profetas querem encarecer os caſtigos de Deos, dizem, que farà calvas as cabeças dos peccadores: *In cunctis capitibus ejus calvitium, & omnis barba radetur*: Todas as cabeças ſeraõ calvas, & toda a barba ſe raparà, diz Iſaias. As barbas rapadas tem já muitos tomado por ſua devaçaõ, ou por ſua vaidade, fazendo do caſtigo gentileza, da infamia bizarria; ſó as cal-

Iſai. 15. 23.

vas

vas não ha quem as tome, por serem afrontosas, & sinaes certos da velhice; antes as cobrem, & disfarçaõ muitos com cabelleiras postiças, tudo a fim de parecerem moços, & gentis-homens, sendo velhos, & talvez mal figurados, mas por mais que façaõ, que cubraõ as calvas, & rapem as barbas, todos seraõ calvos, diz a Escriptura; porque a morte, & a sepultura os faraõ bem calvos, & lhes faraõ mui bem as barbas: os barbeiros já hoje naõ barbeaõ; escrevem, fazendo dos bigodes virgulas, & da barba ponto; mas là estaõ os bichos da sepultura, barbeiros de huma arte nova, que rapaõ tambem as barbas, & ainda a quem as naõ tem, que levaõ couro, cabello, & carne,

cum-

Univers. BIBLIC Fac. de Philos

Q 56

cumprindose bem o caſtigo do *Omnis barba radetur.*

Suppoſto que nos vivos andem as caveiras taõ disfarçadas, porque andaõ cubertas com volantes, ou veos encarnados, nas ſepulturas donde ſahio eſta não faltão ſumilheres de cortina, que tirem as cortinas, & os veos da pelle exterior, & deſcubraõ a fealdade de dentro: á fraqueza da noſſa viſta ſe deve agradecer a belleza das creaturas; que ſe a noſſa viſta fora de lince, & penetrára os interiores, naõ foraõ taõ apetecidas, & taõ adoradas as caveiras vivas disfarçadas, nem taõ eſtranhadas as cabeças mortas; mas já que o Eſpirito Santo offerece ſem volante aos noſſos olhos caveira ſem disfarce, ſem volante, ſem veo,

veo, & sem rebuço, & nos manda ver nella como em hum espelho vivo: *Memor esto judicij mei*; vejamonos todos neste espelho, porque todos nos havemos de tornar nelle: *Sic enim erit & tuum.*

Os espelhos, como diz Seneca, tiveraõ sua invectiva no conhecimento proprio, inventàraõse para os homens se conhecerem vendose nelles: *Inventa sunt speculа ut homo se nosceret.* Os Filosophos antigos faziaõ tanto caso das caveiras, que naõ só faziaõ dellas espelhos, mas tambem baxellas; comiaõ, & bebiaõ por caveiras, para entranharem bem o proprio conhecimento; comiaõ por ellas as virtudes moraes, em que foraõ taõ insignes; bebiaõ pelas caveiras o contraveneno das vaidades, & so-

berbas do mundo. Socrates uſava de tudo, de huns, & outros eſpelhos, & dizia a ſeus diſcipulos, que ſe viſſem em eſpelhos; & em que fundava o Filoſopho a opiniaõ dos eſpelhos? Dizia que ſe viſſem todos ao eſpelho; para que os dotados da gentileza, a naõ afeaſſem com vicios, & os feyos procuraſſem a fermoſura das virtudes; tiveſſem de virtuoſos, o que lhes faltaſſe de gentis-homens; & que melhor eſpelho para transformar os feyos em fermoſos, os peccadores em Santos, do que huma caveira?

A ſoberba he o vicio mais oppoſto à ſantidade, & a mayor deformidade d'alma; vendoſe huma peſſoa em hũa caveira, vendo a fealdade em que ſe torna a melhor parte

do

do composto humano ; vendo, & vendose em taõ vil, & asqueroso retrato, naõ pòde deixar de se humilhar, & compungir, considerando o triste, & miseravel fim que ha de ter. O pavaõ quando olha para as suas plumas, & vè os penachos taõ luzidos, & esmaltados de vivas cores, inchase grandemente, estende o pescoço, & encrespase formando huma soberba roda ; mas tanto que olha para os pès, & os vè disformes, enrugados, & palidos, logo desfaz a cola, abate a roda, & fica triste : o que succede ao pavaõ com os pés, nos ha de succeder a nòs com a cabeça : elle com a fealdade dos pés abate a roda, a soberba ; nòs com a fealdade da cabeça, nos havemos de humilhar da cabeça até os pès: o pa-

vaõ com os pès, que he o seu fim, se humilha; o homem com a caveira, que he o fim do fim em que se torna com o fim da morte, que vè na caveira, abata as rodas da presumpçaõ, deixe de ser soberbo, & será logo santo; vejase neste espelho, que com ser taõ escuro, he mais claro que o cristal para os desenganos da vida. Os espelhos de vidro foraõ inventados, como disse o Estoico, para conhecimento do homem, & elles saõ os que fazem o homem mais desconhecido, porque como se vem nelles por vaidade, como nelles se enfeitaõ para enganarem, enganandose a si proprios, como se compoem para descomporem, como se mataõ para matarem, saõ mui diversos os vossos espelhos, deste;

os

os voſſos criſtaes, as voſſas venezas ſaõ os que vos mataõ vendovos nelles. Eſtes feyos, & medonhos retratos moſtraõvos a verdade, dizemvos o que ſois, o que haveis de ſer, & neſta repreſentaçaõ pódem transformar em juſtos os mayores peccadores do mundo.

Vendoſe Narciſo, (ſirvamonos tambem das humanidades) vendoſe Narciſo no liquido criſtal de huma fonte, namorouſe de ſi meſmo; meteu os braços na derretida prata: *Brachia merſit aquis*; & naõ achando mais que agoa, exclamou, dizendo: Para que foges de mim, belleza criſtalina, ou criſtal animado? naõ ſou taõ feyo, nem taõ velho, para que me deſprezes; mas que he iſto, que vejo? querote abraçar, & tu tam-

Ouv. Meram 1. 6. 3.

bem queres, & naõ podemos; mas ah que já me entendo: eu sou o mesmo, que me busco, & que me retiro. Triste sorte! cruel parca! na flor da idade me tiras a vida? com as lagrimas, que como perolas saltavaõ nos cristaes da fonte, turbou a agoa, desfezse o espelho: *Et lacrymis turbavit aquas*; entaõ mais louco, & furioso o martyr da gentileza, desabroxou impaciente os nevados, & tenros peitos, & com tal furor os ferio: *Nudaque marmoreis percussit pectora palmis*: assim como o Sol derrete a neve, & o fogo a cera, se foi gastando, & consumindo o belliſſimo mancebo; quando as Ninfas acodiraõ para lhe fazerem as exequias, já Narciso estava convertido, & transformado em huma flor, que se chama lirio.

Cro-

Croceum procorpore florem
Inveniunt foliis medium cingentibus albis. Ou. lib. 163.

Quantos Narcisos, & Narcisas sem serem fabulas se namoraõ de si mesmos, nos seus cristaes, nos seus espelhos? para se cumprir nelles, & nellas a profecia de S. Paulo dos tempos perigosos em que os homens chegariaõ a serem namorados de si mesmos: *Instabunt tempora periculosa, & erunt homines se ipsos amantes;* 2. Tim. perdidamente se amaõ, os que nos 51. espelhos se vem, & revem, para serem profanamente amados. Quem pudera entaõ interpor este espelho mais claro que o de cristal com que se enganaõ, & com que se mataõ os

espelliados? Narciso, vendose no cristallino espelho da agoa, dizia que se naõ enganava, *Nec me mea fallit imago*; & enganouse elle tanto com o seu espelho, que por amor delle se matou a si mesmo: a si se mataõ muitas almas vendose em espelhos, sem verem a vaidade que os engana, sem a tençaõ que os cega, & a cegueira que os mata.

Os espelhos em que se vem os Narcizados, representaõ rosas, & jasmins, mas debaxo da rosa, & do jasmim da mais linda cara, está a cobra enroscada, a serpe escondida: no espelho de vidro vese a cobra pintada, o cepo enfeitado; mas neste espelho vese o cepo, descobrese a fealdade: este espelho si, que faz quebrar espelhos, pizar soberbas, aborrecer

recer vaidades. A fortuna do mundo chamaſe vidrenta, porque os antigos lhe conſagráraõ hum templo de vidro: quem ſe vè neſte eſpelho, eſcuſa de ſe ver nos de vidro; porque acha o mais ſobido, & verdadeiro conhecimento de ſi meſmo: nos de vidro enganaſe com as falſas, & aparentes imagens do mundo; quem uſa deſte eſpelho, de tudo zomba, do eſpelho de vidro, & da fortuna de vidro; quem ſe governa por eſte relogio, não ſe pòde achar errado; na hora da morte, quem com eſte aſtrolabio mede os aſtros da terra, peza os caducos Soes do mundo, poemſe na altura do Ceo, chega em paz ao porto da ſalvaçaõ; para eſte fim diz a caveira que nos lembremos do ſeu juizo, do ſeu fim, da ſua morte,

te, & do estado em que a vemos: *Memor esto judicij mei*; para que tratemos de prevenir o futuro, chorar o passado, emendar o presente.

Vedes? ouvis? acabais já de vos desenganar o que he o mundo grande, & pequeno? o que he a vida em folha, em flor, em fruto? & o que se tira da morte, & da sepultura, o triste paradeiro dos amantes, & amados, o fim dos seus zelos, ciumes, suspiros, saudades, correspondencias? Em ossos de finados se finalizaõ as finezas dos amantes. S. Agostinho depois que vio o amigo morto, entaõ creo que era mortal; quando vivo, pelo muito que o amava, parecialhe que naõ havia de morrer: *Ille quem quasi non moriturum dilexerat, mortuus erat.* Vendo morto o amigo desenganou-

Aug. conf. 14.

se

se que a ametade da sua alma, *Dimidium animæ meæ*, se podia apartar, & deixar a outra ametade: a melhor prenda que os amigos podem deixar aos seus amantes, ou amados, he esta reliquia, este espelho da morte: *Memor esto judicij mei*, pela virtude que tem para reformar a vida.

Finalmente vendovos nos vossos espelhos, naõ vos vedes bem, porque naõ vos conheceis cabalmente, nem comprehendeis o que sois, & haveis de ser; como neste espelho em que naõ só vos vedes, mas vedes a todos, & a tudo o que no mundo ha de mayor estimaçaõ, & agrado; vedes que nisto paraõ as fermosuras mais celebradas nas divinas, & profanas letras; vedes que nisto se tornaõ todas as fabulas do mundo, as

poten-

potencias de Jupiter, as arrogancias de Marte, os roubos de Plutaõ, as negociaçõeſ de Mercurio, os juizos de Paris, os raptos de Ganimedes, as intemperanças de Bacho, os deleites de Venus, as traveſſuras de Cupido, as preſumpçõeſ de Pallas, as riquezas de Juno, as nobrezas de Cibelles, as cabeças de Meduza, as maçans de Atalanta, as ſenſualidades de Flora, os encantos de Medea; pois eſpelho taõ grande no que repreſenta, no que alcança, no que deſcobre; eſpelho taõ claro, taõ vivo para deſtruir vaidades, & humilhar ſoberbas, naõ no ha como eſte, he mais engenhoſo, & poderoſo eſte eſpelho, que todos os eſpelhos de Archimedes, que com os rayos do Sol queimàraõ hũa armada. Huma

ma caveira com hum só rayo do Sol de justiça, com huma só inspiraçaõ do Ceo, basta para destruir, & abrazar quantas armadas poem no mar deste mundo o inferno, quantos exercitos pòde pòr em campo a vaidade do mundo.

Em Pariz havia hum Prègador da Ordem de nosso Padre S. Domingos, que costumava pelas Quaresmas sahir a prègar pelas Cidades circumvisinhas. Certa Matrona de mais vaidade, que virtude, pediolhe que quando viesse na seguinte Quaresma, lhe trouxesse hum espelho de Pariz. Prometeolhe o Religioso que de boa vontade o traria, como fez na Quaresma que logo se seguio, & antes de lhe mostrar o espelho, disse que mandasse ajuntar a familia

milia, & a visinhança, para verem todos o espelho de Pariz, que tinha muito que ver: junto o auditorio, tira o Prègador de huma caveira, & diz: Vòs senhora me pedistes hum espelho de Pariz, eis aqui o melhor espelho que ha em Pariz, & em todo o mundo: naõ para toucar primaveras, concertar cabellos, pintar carões, mas para reformar costumes, desfazer vaidades, desenganar locuras: esta caveira foi o que vòs agora sois; vòs brevemente sereis o que ella agora he. Pasmàraõ os ouvintes: a senhora da casa que pedio o espelho, foi a que mais se aproveitou do lanço da caveira, porque mudando de cores, mudou de costumes, desprezando o mundo, & suas vaidades, buscou a melhor, & eterna

eterna fermosura.

Aqui tendes Christãos o melhor espelho que ha no mundo, naõ dos que com falso resplandor enganaõ aos que nelle se vem para serem vistos; mas he espelho este, que com escuro, & descorado gesto vos desengana, clara, & efficazmente diz que assim como o vedes haveis de ser: *Sic enim erit & tuum. Quasi dicat*, diz Lyra, *festines operari bonum dum vivis, quia post mortem non poteris*: que vos resolvais logo a obrar bem em quanto sois vivos, porque depois da morte, depois de caveiras o naõ podereis fazer: o mesmo diz S. Paulo: *Dum tempus habemus, operemur bonum*; se agora que tendes tempo o naõ fazeis, depois podevos faltar o tempo, podevos succeder como a

Anni-

Annibal na batalha das Canas: *Cum potui nolui, cum volui non potui*: Quando pude naõ quiz, quando quiz naõ pude; & quem agora pòde, & naõ quer, diz S. Agoſtinho, que depois quando quizer naõ poderà, & acharſeha à porta inferi com as Virgens loucas do Evangelho, por eſtar jà fechada a porta do Ceo: *Clauſa eſt janua*. E ſe eſta caveira, diz Lyra que diz: *Quaſi dicat*: pois ſe he defunto que falla, *defunctus adhuc loquitur*; quero que me reſponda a humas certas perguntas.

Matth. 25. 10.

Quem es, cabeça morta, ou quem foſte, cabeça viva? foſtes por ventura de algum Prègador, que mais prègava por intereſſes do mundo, & famas aerias, do que por gloria de Deos, & ſalvaçaõ das almas? Per-

gunto

gunto, se acaso fostes, naõ me digas o nome de algum Religioso, que estando sobre as amarras dos votos solemnes da Religiaõ se perdeo, ou de algum Sacerdote secular, que tendo Ordens sacras, por sua desordenada vida fosse condenado àquelle lugar, onde diz Job, que naõ ha ordem alguma: *Ubi nullus ordo*, mas horror, & confusaõ eterna: *Sed sempiternus horror inhabitat*: se naõ es de pessoa Ecclesiastica, serás de algum rico avarento, que por ser bolça do demonio, mialheiro do inferno, compraste a sua condenaçaõ com o seu mesmo dinheiro: bem poderá ser de algum mercador, que por usuras, & enganos mercasse a dor que padece no outro mundo: naõ sejas tu de algum Ministro, ou offi- *Job.* 10.29.

cial de justiça, que por condenar, se condenasse: & quem me diz a mim que naõ será esta caveira de algum ladraõ, ou homicida, que na cadea do inferno paguem o que cà naõ pagàraõ: de molher tem hum final, & se he das que se sustentaõ, & vestem de peccados, ja experimentarà o que naõ queria crer, que por deleites momentaneos se daõ tormentos eternos: tambem poderá naõ ser de molher perdida, mas de homem perdido por molheres; & estes, diz a Escriptura, que saõ muitos os que se condenaõ: *Propter speciem mulieris multi perierunt*. Caveira, porque naõ acabas de te declarar? se estás muda, porque o teu peccado foi mudo, dizeme se es de alguma pessoa que por vergonha encubrio

pecca-

peccados na confissaõ, & por isso se condenou; se a caso es, dize caveira, que deras agora se tiveras lingua para te confessar? que disseras, & que fizeras, se tiveras esta só hora, que tem este meu auditorio?

Caveiras vivas, aproveitar da occasiaõ, que he calva, & muito mais da occasiaõ que he caveira, porque esta sem fallar, falla sem palavras, move sem lingua, amoesta, & clama, que façamos o que ella jà naõ pòde fazer, antes que nos vejamos no seu estado, que nos aproveitemos da vida para a penitencia da boca, para a confissaõ dos olhos, para as lagrimas do coraçaõ, para o pezar, & para que seja sem dilaçaõ alguma.

Aqui tendes o Calvario em pezo, Christo crucificado sobre a ca-

veira, *In eum qui dicitur Calvariæ locum*, apar do desengano o remedio, a misericordia sobre a miseria, & com hum descante de arpa, & cravo, Cruz, & caveira; a letra que ao som dos dous instrumentos canta o Salvador do mundo, he esta: *Populo meus, quid feci tibi, aut in quo contristavite? responde mihi.* Pergunta o Senhor da Cruz ao seu povo, que he o que lhe fez; em que o molestou para o offender, & tornar a crucificar; & diz que lhe responda: *Responde mihi.* Eu Senhor por ser o mais comprehendido na queixa que fazeis, quero responder por todos os peccadores, antes que os peccados clamem, & respondaõ, como diz Isaias: *Et peccata nostra responderunt nobis*, já que he tal o vosso amor, que quereis

Isaiæ 59. 12.

vos

vos reſpondamos, dizemos que como foſtes crucificado ſobre o monte das caveiras, & ſobre a caveira do primeiro peccador foi arvorada a voſſa Cruz, tribunal da voſſa clemencia, agora que com o aſtrolabio deſta caveira eſtamos deſenganados, & arrependidos das vaidades do mundo, damos por repoſta a petiçaõ do bom ladraõ no meſmo monte das caveiras: *Domine, memento mei, dum veneris in regnum tuum*: naõ temos Senhor outra repoſta que dar às voſſas juſtas, & clementiſſimas queixas, que fazeis de nós, mais que pedir vos que vos lembreis de nòs, uſando comnoſco de miſericordia, antes que ſejamos caveiras, & por ſignal da dor que temos de vos havermos offendido, & do propoſito firme de nunca

vos offendermos, desprezando, & aborrecendo os enganos do mundo, damos por volta da letra, que nos cantastes, misericordia, misericordia.

LA-

LAMENTAÇAÕ

De hum Christaõ arrepended no suave canto do Sabeà da praya, Rouxinol, ou Melro do Brasil.

PROLOGO.

AS Aves, diz S. Agostinho, proferem vozes que parecem humanas, humas aprendem a fallar, outras sem as ensinarem fallaõ, como saõ os passaros, que nesta terra cantaõ, dizendo clara, & distintamente, bem te vi, bem te vi; outros dizem, jà he dia, jà he dia; & outros, triste dia, triste dia; mas de todas as Aves musicas, que voaõ, & cantaõ por

Videmus enimhas aves, & multa canere, & sonare quoddam humana voce. Aug. lib. 1. de musica.

968

por este emisferio, o Sabeà da praya he o mestre da Cappella pelo muito, que arremeda o Melro, & Rouxinol de Portugal; para huma lamentaçaõ tem linda vox, alta, aguda, suave, enternecida; he passaro solitario, & penitente no canto, no habito, na habitaçaõ; & o canto, como digo, suavemente triste, sentidamente quebrado, ou sostenido; a cor das pennas he parda com suas listras brancas; a habitaçaõ a mais deserta, & desabrida, a praya, de que toma o nome: ha outros Sabeàs que habitaõ pela terra dentro nos bosques, & prados amenos, & deliciosos; mas o Sabeà da praya, como Anacoreta, ou Eremita mais retirado do mundo, nas solidões, & desemparos das prayas, nas inclemencias,

&

& rigores do tempo, passa a vida cantando, ou chorando, & por isso o Real Profeta David vendo nas Aves do Ceo tantos exemplos de vida austera, & penitente, dizia que era passaro solitario, Ave do monte, Pellicano da soledade; dos passaros mais recolletos tirava o penitente Rey retiros do mundo, abstraçõ̃es das creaturas; & dos seus cantares, os prantos dos Psalmos, entendia que com as mesmas vozes que as Aves do Ceo cantaõ, louvando a Deos, choraõ̃ lamentando o peccador; o que ao vulgo parece canto, a David parecia choro; & naõ̃ lhe parecia mal, porque de todas as musicas das Aves, nenhuma agrada mais a Deos, como consta do livro dos Canticos, do que a da Rola, que he ge-

Sicut passer solitarius in tecto. Psalm. 101. 8.

Transmigra in montem sicut passer. Psalm. 10. 1.

Similis factus sum Pellicano solitudinis. Psalm. 101. 7.

gemer, & ſuſpirar: ſe a noſſa alma, diz o meſmo David, he como paſſaro tirado do laço, ſe arrependida, & agradecida quizer cantar, ou para melhor dizer, chorar, ſuſpirar, & lamentar, que he para Deos o melhor cantar, façaſe Sabeà da praya; no ſuave, & enternecido canto deſta retirada Ave, lamente, chore, clame, lamente as miſerias deſta vida, chore a ſeus peccados, clame à Divina miſericordia, que goſta muito deſſa muſica; & ſe o Serafico S. Boaventura Doutor, faz da alma devota filomela; hum Sabeà da praya, que he o Rouxinol do Braſil, porque naõ fará a figura de huma alma penitente, por nos naõ tirarmos de Aves? Dos ays da Aguia do Apocalypſe Rainha das Aves, to-

Vox turturis audita eſt in terra noſtra, ſonet vox tua in auribus meis, vox enim tua dulcis. Cant. 2.

Anima noſtra ſicut paſſer erepta eſt de laqueo venantium. Pſalm. 25. 7.

mára o metaforico Sabeà da praya o fundamento da sua lamentaçaõ, para honra, & gloria da Ave chea da graça, da Senhora do Rosario, advogada dos peccadores, consolaçaõ dos afligidos, alento dos penitentes.

Væ, væ, væ, habitantibus in terra. Apoc. 8. 13.

AY, ay, ay, tres vezes ay, ay dos pensamentos, ay das palavras, ay das obras que habitaõ na terra de que sou composto, ay das tres potencias d'alma, taõ mal empregadas nos moradores da terra, ay do entendimento perdido, ay da vontade cega, ay da memoria desencaminhada, ay dos habitadores da

da terra em que o apetite reina, & a razaõ obedece; ay dos habitadores da terra, que se naõ lembraõ que saõ terra, ay dos que vivem na terra, em que ha peccados como terra; ay sobre os ays do Ceo, pelos castigos que ameaçaõ, pelas condenações que pronosticaõ; ay de nòs que peccamos, diz Jeremias; ay de mim que pequei mais que todos, porque os rayos de Deos justamente irado naõ cayaõ sobre mim, que mais que todos os mereço, ou sobre a terra em que habito por amor de mim; quero como passaro, como Sabeà da praya fazer ecos aos ays do Ceo, à vista do mar, & das areas destas prayas, quero lamentar os meus erros, chorar as minhas culpas; o mar batendo, & roncando

Ve nobis quia peccavimus. Thren. 5. 16.

nos

nos hombros deſtas areas, me eſtá enſinando, que ſe os meus peccados, ſaõ como areas, ou mais que as areas, que ſó com o mar da contriçaõ os poſſo afogar, & conſumir. David chorando ſobre o leito em que peccou, ſelo nadar em lagrimas, & aſſim eſcapou a nado, chorando mares de lagrimas. O ditoſas lagrimas, ò ditoſa naveta, ò ditoſa taboa na qual o naufragante entra no porto da ſalvaçaõ, diz Agoſtinho Santo, eu me contentàra já que os meus olhos foſſem rios, mas daquelles que levantaõ vozes a Deos em favor dos peccadores: eſtes rios, pelo que devo, & eſpero da Virgem do Roſario, que haõ de ſahir, & entrar por aquelle mar, que ſe compoem de quinze myſterios, como de quinze rios,

Peccavi ſuper numerum arenæ maris. Eccleſ.

Magna eſt velut mare contritio tua. Thre. 2. 19.

O felix lacryma, o felix tabula per quam naufragus redire poteſt ad portum ſalutis.

rios, para isso convocarei quinze rios dos mais celebrados na terra em que habito, para que sahindo pelos meus olhos, façaõ hum mar que possa desfazer os altissimos muros de areas, & peccados, que saõ mais que as areas do mar, naõ pago com chorar sobre os rios da terra, he me necessario chorar os rios da terra em lagrimas.

Aug. ad fratres in eremo. Elevaverunt flumina vocem suam. Psalm. 92. Lavabo per singulas noctes lectum meum, & lacrymis meis stratũ meum rigabo. Psalm. 6. 7. Nata-

BIBERIBE.
CAPIBARIBE.
AFOGADOS.
JANGADA.
ALGODOAIS.
POIUCA.
CERINHAE.
RIO FERMOSO.
UNA.

TA-

TATUAMUNHA.
CAMARAGIBE.
S. ANTONIO GRANDE.
S. ANTONIO MERIM.
RIO DE S. MIGUEL.
RIO DE S. FRANCISCO.

Rios ſagrados, Rios myſterioſos, por me repreſentares os quinze rios do mar do Roſario: Rios da terra, que o Ceo ameaça com os ays do Apocalypſe: Rios fermoſos, Rios caudaloſos, correi, correi pelos olhos, o voſſo correr ſeja o meu chorar, o voſſo murmurar, o meu gemer, & ſuſpirar; correi pelos meus olhos para o mar do Roſario, para que eſta barquinha, eſta alma peccadora tenha marè de Roſas, chegue a ſalvamento; mas ay que não ſei ſe baſ-

re faciam lectum per abundantiam lacrymarum Hiero. Quaſi Roſa plantata ſuper rivos aquarum. Eccleſ. 39. 17. Omnia flumina intrant in mare Eccl. 1. 7. Super

flumina Babylonis illic sedimus, & flevimus. Psalm. 136. 1.

bastaraõ tantos Rios para desafogo de tantos ays; naõ sei se o meu pranto será mar que cubra as areas; naõ sei se as lagrimas vencerãõ as culpas; naõ he sem dor este ay; naõ he sem causa esta dor, porque naõ vejo, naõ acho, naõ leyo com quem me possa comparar; se busco o primeiro peccador do mundo, acho nelle cem annos de penitencia por hum só peccado, & em mim naõ se achará hum dia, nem huma hora de verdadeira penitencia por milhares de milhares de peccados; se me lembro de David peccador, corrome de naõ ser como David arrependido; se trago à memoria as fraquezas de Pedro, confundome com as amarguras do seu pranto; se olho para a peccadora do Evangelho, & viro sobre mim,

vejo

vejo os seus escandalos em mim, & naõ vejo nella arrependimentos meus: se disser que fui como o prodigo na relaxaçaõ da vida, direi bem; mas prodigo reduzido, prodigo emendado, com que verdade o hei de dizer? A mais certa verdade he, ser eu hũ peccador taõ singular, que no dia do juizo se verá, que, ou no numero, ou nas circunstancias dos peccados, ninguem me chega a igualar, & como de mim tenho este conceito, cuido que quantos mares, & rios ha no mundo, naõ bastaõ para darem a agoa que haõ mister os meus olhos, para chorarem culpas, que por naõ escandalizar callo, por naõ causar horror às creaturas ainda insensiveis, & irracionaes, as não especifico, as naõ declaro. O meu

Impij quasi mare fervens. Isai. 57.20.

Mirabiles elationes maris, mirabilis inaltis Dominus. Psalm. 92.24.

Doutor S. Agoſtinho, nos livros das ſuas Confiſſões diz que na ſua mocidade fervèra em peccados, ſegundo o impeto de ſeus vicios; elle ferveria como marè, mas eu como mar, & no mar alto dos meus peccados. Ah Senhor, & Deos meu, que admiraveis foraõ as voſſas miſericordias! quando ſem conta, ſem pezo, & ſem medida vos offendia, me naõ faltaveis com os alimentos da vida, & auxilios da graça; quando como ſe tivera rematado contas com o Ceo, me gloriava, & jactava do mal que fazia; quando era taõ maligno, que naõ tinha outra cauſa para peccar mais que a meſma malicia; quando finalmente me enganava a mim meſmo com pretextos falſos, com a dilaçaõ do caſtigo, confiança na miſeri-

Qui lætantur Cum malefecerunt, & exultant in rebus peſſimis. Prov. cap. 2.

sericordia, facilidade do remedio, andava à porfia o meu peccado com o vosso amor, andavaõ em cõpetencia as minhas culpas com as vossas finezas, os vossos beneficios com as minhas ingratidões: valeome Senhor nesse tempo, naõ ser o meu peccado como a vossa graça, ser mayor a vossa clemencia, do que a minha rebelliaõ; porèm agora que allumiado da vossa graça, vejo que aceitais por filho hum escravo de Lucifer, & pondes à vossa mesa a quem era digno de remar na galè do inferno ha muitos annos; agora que conheço a minha maldade, a minha cegueira, agora que alcanço, que me merecia estar no mais infame, & doloroso lugar do mundo, & no outro mundo, no mais acezo fo-

go, & refinado tormento, quereis que seja vosso amigo, quereis que entre na vossa gloria. O misericordias do Altissimo, quem mais pudera explicar, & agradecer? Por isso David quer que as vossas misericordias estejaõ sublimadas sobre todas as vossas obras infinitas, eternas, incomprehensiveis: à vista pois do que leyo, & experimento nas vossas ineffaveis piedades, tomo alentos, vida tome de confiança, & armome com aquella razaõ do lume da Igreja S. Agostinho. Vòs Senhor sois bom, & eu sou mào, & ainda que sou muito mào, vòs infinitamente mais bom, & supposto, que por peccador singular mereça todos os rigores da vossa justiça, naõ desmereço, por arrepentido, todos os favores da vossa

Miserationes ejus super omnia opera ejus. Psalm. 144. 9.

vossa misericordia: eu sei que com serem tantas, & taõ feas as minhas culpas, a respeito da vossa misericordia saõ como huma faisca lançada no mar; com que me resolvo a pedirvos, que me naõ perdoeis por amor de mim, senaõ por amor de vòs; & ensinoume a fazer esta petiçaõ o vosso servo David, o homem do vosso coraçaõ. Por amor do vosso nome, diz elle, perdoareis o meu peccado, porque he muito, como se o muito peccado vos desse muito nome na opiniaõ dos homens: assim he; porque o perdoar faz ser mayor Principe do que o castigar: porque o meu peccado he muito mais que o muito de David, vos peço, Senhor, me perdoeis por amor do vosso nome; se o vosso nome ha de crescer conforme

Cogitas scintillam si in mare ceciderit num poterit stare aut apparere? quantum scintilla ad mare se habet, tantum homini malitia ad Dei

a quantidade, & calidade dos peccados que perdoàreis; que grande, & admiravel será o vosso nome, pelo perdaõ dos meus peccados! Ninguem vos pòde dar mayor nome do que eu, porque assim como de mim fostes mais offendido que de todos os mais peccadores, pela indulgencia, & remissaõ dos meus peccados sereis mais conhecido, & louvado, quanto mais me perdoares, mais santificado será o vosso nome, mais glorificada, & applaudida a vossa misericordia no Ceo, & na terra.

Dos meus ays, dos meus pezares, das minhas contrições, quero passar às de todos os habitadores da terra, sobre que estaõ cahindo os ays da Escriptura, a lamentaçaõ naõ he

clementiam. Chrys. hom. de pœnit. Propter nomen tuum propitiaberis peccato meo, multũ est enim. Psalm. 24. 12. Væ, væ, væ habitantibus in terra. Apoc 8. 15.

he só para os peccados particulares, tambem se entende por amor, & charidade, aos dos povos peccadores; & jà por peccados castigados. Jeremias lamentando a Jerusalem, dava ays, com bem de lagrimas: Ay de ti Jerusalem, sem eu ser Profeta do futuro, mais que testemunha, & complice do tempo passado, & presente, posso lamentar, & dizer por esta terra, o que a Aguia do Apocalypse pode dizer por toda a terra, posso no canto, ou choro do Sabeà da praya clamar, Ay, ay, ay dos que moraõ nesta terra, ay de ti Olinda, ay de ti Recife, ay de todo o Pernambuco: a estes ays, ou eus que cãtaõ, ou choraõ os Sabeàs da praya por estas trezentas legoas de costa, naõ attendem, nem entendem os

Væ tibi Jerusalem. Serm. 15. 17.

Væ, væ, væ habitantibus in terra. Apoc. 8. 19.

passageiros, que naõ tem lembrança dos successos passados, nem providencia dos futuros; mas eu que como passaro solitario cuido nos meus peccados, & temo os castigos de Deos, bem entendo que os tonilhos dos Sabeàs saõ ays doces, avisos espertadores da Divina Misericordia: aquelle affoviar taõ sentido, saõ ays, & gemidos; aquelle dobrar taõ sutil, & acelerado, que he senão dobrar suspiros, multiplicar as lamentaçõens? Ay de ti (dizem os Sabeàs la pela sua lingua, & pela sua solfa) ay de ti Olinda, naõ eras tu antiguamente huma Lisboa pequena, huma Jerusalem pintada, huma Babylonia abreviada? mas por peccados dos teus moradores, fostes destruida, & abrazada depois

Væ, væ, væ.

de

de vinte, & quatro annos de cativeiro de Olanda, naõ desfazendo no valor dos Pernambucanos, fostes milagrosamente restaurada; & porque no espaço de quarenta, & dous annos de restauraçaõ, se naõ restaurou até agora aquella fermosura, aquella gloria, opulencia, comercio, concurso que dantes tinhas, porque tendo o nome de Olinda, estás ainda taõ feya, & afeada: digo com as ruinas, que ainda se naõ restauraraõ; o certo he que por peccados fostes destruida, por amor dos mesmos peccados passados, & presentes, naõ es reedificada. Peccou Jerusalem, diz Jeremias, por isso tem tido tantas mudanças, tantas destruiçõ's, & castigos, sem tornar ao que dantes era até o presente tempo: naõ

Peccatum peccavit Jerusalem, propterea instabilis facta est. Thren. 1. 8.

naõ menos de cinco mudanças, cinco caſtigos, ou pragas tem padecido Pernambuco, a guerra de Olanda, a guerra dos Palmares, primeiras bexigas, ſegundas bexigas, & mal contagioſo, a fome de farinha, iſto por tempos interpolados entre huma, & outra praga; porque ſe Deos com largo ſofrimento acredita a ſua miſericordia, depois com rigoroſos caſtigos acode pela ſua juſtiça; & neſſes caſtigos, he para reparar, que antes de ver o caſtigo, madrugavaõ os aviſos; antes de vir o Olandez a tomar a terra, naõ faltàraõ profecias; antes de vir o mal do contagio, bem ſe prègou, & bem ſe ameaçou a terra da parte de Deos; mas Pernambuco naquelle tempo como Pharaò duro, & temerario mur-

Quis eſt Dominus ut audiã vocem ejus? Exod. 5. 2.

murmurava, & mofava da palavra de Deos; pois por isso a terra de Pernambuco foi castigada com pragas do Ceo, como a terra do Egypto, & vendimada, de que ainda ha rabiscos, como Jerusalem: tantas vidas vendimou o mal, que se pòde dizer que está o Recife vivo sobre o Recife morto, & com ter o Recife vivo tantos mortos debaxo de si, cuida que por escapar daquella mortandade, he immortal; vai continuando nos peccados, porque foi castigado, & cego delles, naõ se lembra da mortalidade do corpo, nem da immortalidade da alma, & como ainda reinaõ os vicios, & triumphaõ os escandalos, que provocàraõ a ira de Deos, os escandalos que nas vesporas do mal andavaõ em carros

In gravatum est cor Pharaonis. Exod. 7. 13. Vindemiavit me ut locutus est Dominus indie furoris sui. Thren. 1. 2.

trium-

triumphantes pelas ruas de noite, como ainda ha uſuras,& trapaſſas,tiranias com os eſcravos, odios com os proximos, reſtituiçõesdilatadas, murmuraçõesgraviſſimas, como ainda ha Medeas, & Circes encantadoras, Ay, ay, ay, diz a myſterioſa Aguia do Apocalypſe, ſobre os moradores da terra, que nem com aviſos, nem com caſtigos ſe emendaõ: ay que já os caſtigos, & as pragas ſaõ mais que os ays: ay do Recife, que com huma grande maré de agoas vivas pòde ficar debaxo do mar ſeu viſinho, como ficou debaxo do mar Vermelho o melhor do Egypto: ay do Recife, que como eſtá ſobre area, pòde ter a ruina que Chriſto diz da caſa fundada ſobre area: ay do Recife, que ſe pòde ſover-

Que dificavit domum ſuam ſuper arenam, & fuit ruina illius magna. Matth. 7. 28.

soverter, como Ninive se havia de soverter, se os Ninivitas naõ fizeraõ a penitencia que os Recifenses naõ fazem; mas como os ays do Ceo ameaçaõ a toda a terra, a todo o corpo de Pernambuco, todos podem temer que caya de todo este collosso presumido, esta estatua já he de Pernambuco, hum vastissimo corpo, tem a cabeça na Cidade; o que lhe fica para traz, saõ os cabellos; da Cidade começa a garganta até a barra do Recife, que he o gurgumillo, bem estreito, & perigoso; os peitos formaõse da praça do Recife, & da banda de S. Antonio hum braço vai por Igarussú goyana, a fechar a maõ na fortaleza de Itamaraca; estendese o outro braço pelas Curcuranas, cabo de S. Agostinho, com a maõ

Væ, væ, væ habitantibus in terra.

maõ eſquerda na fortaleza de Tamandare; o ventre ſaõ as Freguesias, & Certões de Cerinhae; começaõ as canas até as Alagoas, no Rio de S. Franciſco eſtaõ os pès; a eſte egnimatico corpo, & myſtica eſtatua tem atirado muitas pedradas o Ceo; & com Pernambuco neſtes calamitoſos tempos ter deſcahido muito dos ſeus brios, ainda naõ cahio de todo, porque Deos he de tanta miſericordia, que diſſimulando, & eſperando pela penitencia, dilata o caſtigo, permittindo tregoas, para ſe procurar a paz, ou juſtificando a ſua ira, para dar a ultima bataria: como na eſtatua Pernambucana ainda ha fanteſias loucas, cegueiras incuraveis, durezas impenetraveis: quem lendo a Eſcriptu-

Diſſimulans peccata hominum propter pœnitentiam. Sap. 11 44.

criptura, & reparando nos castigos antecedentes desta fatal terra, naõ temerà que tenha o fim na realidade, que teve em sonhos a estatua de Nabuco? Quem naõ temerà que caya toda em pezo esta Babylonia pequena, como cahio a grande? Quem naõ temerà que venha outro fogo mayor que o do mal passado, que abraze, & consuma a todas estas Capitanias, como abrazou, & soverteo as Cidades de Pentapoli? Sabendo o Profeta Ezechiel, que Deos queria destruir, & aniquilar o povo de Israel, pediolhe Deos com os ays, & eus, naõ extinguisse as reliquias de Israel. Respondeolhe Deos, que naõ tinha lugar a sua petiçaõ, porque a maldade daquelle povo era muito grande: se Pernambuco he ainda

Cecidit cecidit Babylon magna. Apoc. 18. 2. Igitur Dominus pluit super Sodomam, & Gomorrhã sulphur & ignem à Domino de Cælo. Gen. 19 24. Clamans aio: heu,

ainda taõ màо como dantes, ſe ainda perſevera naquellas culpas, porque foi jà caſtigado; quem ſe ha de atrever a orar por elle? quem ha de pedir a Deos, que ſe naõ conſumaõ as reliquias de Pernambuco? Só hum Moyſes lhe podèra valer, como valeo ao meſmo povo de Iſrael, querendo-o Deos deſtruir. Senhor, dizia Moyſes, porque haveis de deſtruir hum povo que livraſtes do cativeiro do Egypto com tantas maravilhas? A ſombra, & à imitaçaõ de tam grande orador, daime Senhor licença para encoſtar aos embargos de Moyſes humilde, eſta oraçaõ: jà que livraſtes a Pernambuco do cativeiro de Olanda com o voſſo poderoſo braço, como livraſtes o voſſo povo do cativeiro do Egypto; jà

heu, heu Domine Deus: ergo ne perdes omnes reliquias Iſrael? Et dixit ad me: Iniquitas domus Iſrael, & Juda magna eſt nimis. Ezech. 9. 9. Dimitte me

que

que Pernambuco escapou de tantos castigos por empenho da vossa misericordia, naõ permitais que chegue a experimentar os ultimos rigores da vossa justiça, mandai embainhar a espada, digo retirar as settas, mandai quebrar, & abrazar todos os instrumentos dos castigos, que esta terra confessa merecer; ò cessem já, cessem os ays da Aguia com os contra-ays da Rola, com os gemidos dos arrependidos, & emendados, aplaquemse os rayos do Ceo com as contriçõesda terra, mingueſe a vossa justiça com a vossa misericordia: se Ezechiel vos naõ pode obrigar a desistir do castigo das reliquias de Israel; Joel vos obrigarà a que perdoeis ao povo de Pernambuco, só por huma razaõ, só por huma pala-

ut irascatur furor meus, & deleam eos. Exod. 22. Cur Domine iraſcitur furor tuus contra populum tuum quem eduxisti de terra Ægypti in fortitudine, & in

vra, porque he voſſo povo. Perdoai ao voſſo povo, perdoai Senhor, diz o Propheta Joel, perdoai ao voſſo povo: ſe o povo de Iſrael era voſſo, por ter a voſſa Fé; o povo de Pernambuco he muito muito voſſo pela valentia, pela fineza, pela conſtancia da Fè que ſuſtentou debaxo do poder, & tirania de Hereges, & Judeos; foi taõ puro, taõ leal, & conſtante eſte povo de Pernambuco na Fé Catholica, que no eſpaço de vinte, & quatro annos do ſeu cativeiro, nunca a depravada hereſia, nem o cego judaiſmo lha pode tirar, tirandolhe as terras, as fazendas, as vidas, & as honras, tiranizando, & frigindo a muitos Portuguezes; pois hum povo como eſte, tanto voſſo pela firmiſſima conſ-

manu robuſta? Exod. 22. 11.

Arcum conteret, & confringet arma, & ſcutacomburet igni. Pſalm. 45. 10.

Parce Domine parce populo tuo. Joel. 2. 27.

tan-

tancia da sua Christandade, naõ he bem (diria Moyses, se por elle orasse) que se destrua, que se aniquile, senaõ que se lhe perdoe, como pede Joel, por ser hum povo tanto vosso: *Populo tuo*: & povo que depois que o tendes affligido, & humilhado com tantos signaes, & castigos, alguma emenda mostra ter, porque já se naõ fazem tantos homicidios, já naõ saõ taõ baratas as mortes violentas, & treiçõens, como dantes eraõ; as occasiões sensuaes, algumas se tem evitado, a justiça he mais respeitada, & temida, a virtude mais favorecida, o vicio estranhado, a malicia reprovada, a Oraçaõ Mental conhecida, & em algumas partes introduzida, já para gloria vossa, & bem das almas, vemos os

Sacramentos da Igreja mais frequentados, a palavra de Deos melhor ouvida, o culto divino muito aumentado, & neſſa praça do Recife, onde mais ſe empregaõ as ballas da voſſa ira, campanhamais combatida dos caſtigos do Ceo, ſe fazem muitas eſmolas, & obras pias, & ſe gaſta muita fazenda no voſſo ſerviço: pois Senhor, porque naõ haõ de ceſſar os caſtigos, quando em parte ceſſaõ as culpas? Porque haõ de ameaçar os ays do Ceo, ao que daõ ays ao Ceo, aos que daõ ay de arrependidos? Porque ſe ha de deſtruir, & aniquilar hum povo tanto voſſo, huma terra taõ leal como Portugueſa, taõ fiel, & Catholica? Se me diſſerem que os peccados ſaõ grandes, mayores ſaõ os poderes

da

da vossa graça, como diz o vosso Apostolo Paulo, mayores as vossas misericordias, que as vossas iras: Pay das misericordias, & Deos de toda a consolaçaõ, concedeinos que arrependidos, & emendados, possamos cantar, como cantou Moyses com o vosso povo, como cantou Debora com Barac, Iudit com os de Betulia, as vossas misericordias, que cantemos, & choremos com os Sabeàs da praya os peccados proprios, & alheyos, particulares, & communs da terra que habitamos, para que livres dos ays do Apocalypse, gemendo, & chorando neste valle de lagrimas, nos mostre a Jesus a May de misericordia, nos meta no Ceo a advogada dos peccadores, pelos merecimentos

Ubi abundavit delictum superabundavit & gratia. Rom. 5. 20.

mentos do seu Santissimo Rosario. Amen.

Acto de Contriçaõ.

MEu Deos, & meu Senhor, Pay da minha alma, & Senhor do meu coraçaõ, a quem tanto offendi, sem desculpa, sem pejo, sem ignorancia, & sem temor, tanto Senhor vos tenho offendido por pensamentos, palavras, & obras, que excede a todo algarismo o numero, & a variedade, & enormidade dos meus peccados, saõ mais que as areas, & que os atomos do Sol: pequei meu Deos de tal calidade, que fiz muitas vezes da culpa gala, da offensa idolo, da torpeza costume, da perdiçaõ gosto,

do peccado vida ; mas quanto me peza agora, mais me peza de ſeres vòs o offendido, do que ſer eu taõ prejudicado , mais ſinto a ingratidaõ, que o caſtigo, mais me afflige a voſſa offenſa , que o meu inferno , & com todo eſte pezar, receyo que mais peze a balança das culpas , que a dos pezares : alma, & coraçaõ , olhos , boca , que eſperais ? tive alma , mas que alma tive? para a entregar ao Demonio, & agora naõ tenho alma, nem conſciencia, para a tirar do ſeu poder; tive olhos para peccar, & naõ tenho olhos para chorar ; tive boca para as offenſas , & naõ tenho lingua para remedios ; tive coraçaõ para aggravar a ſumma bondade , & naõ tenho coraçaõ para

ſentir taõ enormes aggravos. Oh Deos da minha alma, do meu coraçaõ, & dos meus olhos; eu bem quizera que na polvora das minhas culpas, applicado o fogo da minha dor, eſtallaſſe eſte penhaſco, arrebentaſſe eſta mina; bem tomàra ter hum pezar, huma pena tamanha como a voſſa miſericordia; mas onde irei buſcar fontes para os olhos, amarguras para o coraçaõ, lavatorio para a alma, ſenaõ no immenſo mar da voſſa miſericordia; que he a Aguia que me traz a voſſos pès, & a que me faz reparar que tendes tantas fontes abertas, tantas entradas, & portas francas para todo o peccador, quantas ſaõ as chagas de meu Senhor Jeſu Chriſ-

to,

to? pois o coral derretido de taõ precioso Sangue ha de permittir que se condene hum Christaõ, que propoem com vossa graça emendar a vida, confessar culpas, perdoar aggravos, restituir, viver, & morrer na vossa Fé? Remato Senhor o meu pezar, com tres nòs cegos do crer, esperar, & amar: creyo que a vossa misericordia he mayor que toda a miseria humana: espero de me salvar na morte, & Payxaõ de meu Senhor Jesu Christo: amovos meu Deos, & Senhor sobre todas as cousas, porque me peza, como vòs sabeis, de vos naõ ter amado como devia; & como creyo em hum Deos verdadeiro, como espero em hum Senhor taõ fiel, & poderoso, como amo a

hum

hum Pay taõ pio, & amoroſo, naõ pòde faltar a ſua miſericordia à minha Fé, nem a ſua promeſſa à minha eſperança, nem a ſua graça à minha contriçaõ.

Para louvor, & Gloria de Deos, & da Santiſſima Virgem do Roſario.

BIBLIOTECA
FEV.
41
2.508

Univers[illegible] do [illegible]
BIBLIOTE[illegible]
Fac. de Philos Scie[illegible]

986

Univers. de S. Paulo
BIBLIOTHECA
Fac. de Philos. Scienc. e Letras